



TCC/Unicamp
Am68r
1324 FEF/26

Universidade Estadual de Campinas

FEF – Faculdade de Educação Física

Razões e Justificativas para o Descrédito da Disciplina e do Professor de Educação Física em Escolas Estaduais (Estudo de caso)



UNICAMP
CAMPINAS 2003

Monografia de Final de Curso de Graduação em Licenciatura



**Razões e Justificativas para o Descrédito da
Disciplina e do Professor de Educação Física em
Escolas Estaduais: (Estudo de caso)**

AUTOR: Carlos Eduardo Nobrega Amorim

ORIENTADOR: Paulo Ferreira de Araújo

DISCIPLINA: Monografia II

PROFESSORA: Silvana Venâncio



UNICAMP

CAMPINAS 2003

ÍNDICE

Apresentação.....	I
Agradecimentos.....	II
Resumo.....	III
Summary.....	IV
1) Introdução.....	1
2) Revisão da Literatura.	5
3) Metodologia.....	6
4) Resultados e Discussão.....	7
4.1.) Pesquisa com professores de outras áreas de conhecimento.....	7
4.2.) Pesquisa com diretores (vice-diretores) e administradores.....	19
4.3.) Pesquisa com professores de Educação Física.....	27
4.4.) Pesquisa com alunos do Ensino Fundamental II.....	44
5) Considerações finais.....	48
6) Referência Bibliografia.....	53

I) Apresentação

O presente estudo trata de um assunto que muito intriga os professores da nossa área de conhecimento. Apesar de poder parecer, num primeiro momento, um tema bem discutido por diversos autores, gostaríamos de chamar sua atenção para abordagem e para os dados contidos neste.

Podemos dizer que muito se teoriza a respeito do DESCRÉDITO PROFISSIONAL do professor de Educação Física dentro de instituições escolares públicas, porém poucos são os trabalhos que se propõem a sair a campo e analisar o que realmente está acontecendo nessa prática educativa, como este o faz.

Por esse motivo, principalmente, convidamos você leitor e leitora que buscam informações ou anseiam por discussões acerca desta problemática, a lerem-no.

II) Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente, a meu orientador (Profº Dr. Paulo Ferreira de Araújo), primeiro pela amizade que prezo muito e depois por acreditar em meu trabalho, me auxiliando da melhor maneira possível. À componente de minha banca Rita de Fátima, por se dispor e aceitar o desafio.

Aos profissionais e alunos envolvidos na pesquisa, por me auxiliarem no levantamento de dados.

À minha filha (Bia), por me inspirar e fazer brigar pelas coisas que acredito.

III) Resumo

O presente trabalho teve por finalidade estudar a realidade presente da prática da Disciplina de Educação Física e de seu Profissional atuante no Município de Diadema SP. E posterior análise dos resultados visando identificar possíveis razões e justificativas para o notório descrédito de ambos dentro das Escolas Estaduais da referida cidade. Partindo da experiência como professor em escolas públicas nos quatro últimos anos, pude perceber o quão desacreditado é o Professor e a disciplina de Educação Física dentro das instituições pesquisadas. Esta situação veio me inquietando há algum tempo e, com esse trabalho, analisamos alguns dados tentando explicá-la e ainda procuramos dar suporte para posteriores pesquisas e intervenções no meio escolar. Partimos do pressuposto de que a presente posição é fruto de um processo cultural em que se construiu uma imagem a respeito dessa disciplina e professor, além de alguns outros fatores (como o conhecimento dela por parte de pais, professores das outras disciplinas, diretores e alunos integrantes das escolas estaduais). Tal trabalho ocorreu com o levantamento de dados através de uma pesquisa com perguntas fechadas e abertas aos professores de Educação Física, professores de outras disciplinas, alunos e diretores de Escolas Públicas de cinco escolas, sendo uma de cada regiões da cidade. Em seguida realizamos análises das respostas levando em consideração o referencial teórico utilizado para dar sustentação as nossas considerações a respeito da fundamentação da disciplina de Educação Física enquanto área de conhecimento, para enfim podermos direcionar melhor os estudos na busca de respostas a essa incômoda posição em que se encontra o professor e a disciplina Educação Física e ainda tecer algumas considerações que entendemos relevantes nesta pesquisa.

IV) Summary

The present work had for purpose to study the present reality of the practical one of disciplines de Physical Education and its operating Professional in the City of Diadema SP. Soon later analysis of the results aiming at to inside identify to possible reasons and justifications for the well-known discredit of both of the State Schools of the related city. Leaving of the experience as professor in public schools in the four last years, I could perceive the discredited is the Professor and it inside disciplines it of Physical Education of the searched institutions. This situation came annoying has me some time and, with this work, we analyze some data trying to explain it and still we look for to give to support for soon later research and interventions in the half pertaining to school. We leave of the estimated one of that the present position is fruit of a cultural process where if constructed to an image the respect of this disciplines and professor, beyond some other factors (as the knowledge of it on the part of parents, professors of the others you discipline, directors and integrant pupils of the state schools). Such work occurred with the data-collecting through a research with questions closed and opened the professors of Physical Education, professors of others disciplines, pupils and directors of Public Schools of five schools, being one of each regions of the city. After that we carry through analyses of the answers leading in consideration the theoretical referencial used to give to sustentation our commentaries regarding the recital of disciplines of Physical Education while knowledge area, at last to be able to more good direct the studies in the search of answers to this bothering position where if it finds the professor and it disciplines Physical Education and still to weave some commentaries that we understand excellent in this research.

1. Introdução

Podemos dizer que o fato de a Educação Física (EF) passar, ao longo de sua história, por vários momentos e crises em busca de sua identidade e consolidação como uma disciplina importante para as escolas e para o desenvolvimento de seus alunos, não é novidade para alguém, até mesmo para os mais desavisados profissionais de nossa área.

Desde os primeiros passos que registram essa incansável luta da EF para obter reconhecimento e respeito no âmbito escolar, até os dias atuais, muito se pensou e escreveu a respeito. Podemos citar as tentativas de Rui Barbosa como uma das maiores representações dos esforços dispendidos no sentido de tornar obrigatória a inserção da EF na grade curricular dos institutos educacionais. Podemos citar como exemplo, seu Projeto nº 224, denominado “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública”, proferido na sessão de 12 de setembro de 1882 na Câmara dos Deputados. Castellani Filho (1994, p.47) assim relata o fato:

“Rui Barbosa deu à Educação Física um destaque ímpar em seu pronunciamento, terminando por sintetizá-lo em propostas que foram desde a instituição de uma sessão especial de Ginástica em escola normal (inciso primeiro), até a equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de Ginástica aos de todas as outras disciplinas (inciso quarto), passando pela proposta de inclusão da Ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio e depois das aulas”.

Neste trabalho não temos a pretensão de dissecar tais momentos e crises ou mesmo correntes pedagógicas e/ou ideológicas a cerca do assunto. Queremos sim realizar um breve relato sobre esse árduo processo, utilizando-o como embasamento para uma posterior discussão sobre a pesquisa aqui realizada em Escolas Públicas Estaduais, onde procuramos identificar possíveis razões e justificativas para o visível descrédito do profissional de EF dentro desta instituição.

Mesmo acreditando que tal situação (o descrédito do profissional de EF) é fruto de um processo cultural, construído durante décadas por diversos entraves sociais (políticos, econômicos, ideológicos, educacionais) e entendendo que o problema é de tamanha complexidade, nos propusemos a analisar as respostas dos questionários, tecer considerações e indicar possíveis caminhos a se seguir no intuito de se realizar uma intervenção positiva para a Educação Física Escolar.

Para uma breve visualização da História da EF no Brasil, lançaremos mão das considerações tecidas por Lino Castellani Filho em “Pelos meandros da Educação Física”.

Assim, em seu artigo, Castellani Filho chama a atenção para as mudanças ocorridas na Educação Física nos últimos tempos. Cita como exemplo a presença das bibliografias que vêm sendo utilizadas em concursos públicos e que, até pouco tempo atrás não poderia se imaginar “presentes no âmbito da Educação Física”. São títulos editados (na década de 80, principalmente na segunda metade, que tratam a Educação Física e o Esporte como práticas sociais, sendo ainda caracterizados como dois dos mais relevantes fenômenos sócio-culturais do mundo contemporâneo).

Vários foram os fatores que nortearam as mudanças na EF e que levaram questões de natureza biofisiológico (físico/esportivo), para as de cunho político-filosófica; entre eles: a proposta de reforma curricular em 1987; o desenvolver de cursos de pós-graduação (onde ocorre a qualificação dos especialistas); a busca em outros programas (particularmente os inerentes às Ciências Humanas) de ferramentas teóricas, etc.

Importante é observar a intervenção dos fatores e momentos históricos que o país atravessou; os acontecimentos relacionados ao processo de redemocratização da sociedade brasileira (fim de 70, início de 80) onde ocorreu a retomada da capacidade de organização e mobilização da sociedade civil

brasileira; o período instituído pelo golpe militar (1964) onde a EF respondeu às exigências estabelecidas pelos dirigentes, entre outros.

Neste último período, por exemplo, reforçou-se a vinculação da EF com a construção do modelo de Corpo Produtivo, que já fora arquitetado durante o período do Estado Novo, devido à necessidade de consolidação do processo de Industrialização como modelo econômico brasileiro. O papel da EF nesse momento era o de adestrar fisicamente o trabalhador, capacitando-o fisicamente para o trabalho. A esse modelo de corpo associava-se as marcas do Corpo Higiênico eugênico originado no início do século XIX e que encontrou espaço para se projetar neste momento (fim de 30 e início de 40), devido à “necessidade” de corpos fortes e saudáveis defenderem a pátria de seus inimigos internos (comunistas) e externos (Segunda Guerra Mundial).

No fim dos anos 60 a EF esteve associada a uma estratégia militar de minimização das possibilidades de rearticulação do movimento estudantil (seu caráter lúdico-esportivo distraia as atenções dos estudantes das questões sócio-políticas), culminando na construção do modelo de Corpo Apolítico.

Nas escolas, a EF (que buscava atingir seus objetivos vinculada a políticas governamentais), era justificada para o aprimoramento da aptidão física e fincava sua ação pedagógica a partir de critérios oriundos da fisiologia do exercício. Tinha-se então, aulas com três sessões semanais, em dias intercalados, com cinquenta minutos de duração, com turmas de alunos do mesmo sexo e compostas a partir de dados das suas idades biológicas.

Porém essa EF tornou-se anacrônica no contexto do processo de democratização da sociedade brasileira. Primeiro porque esgotava-se o ciclo que priorizou a formação do Corpo Apolítico, Acrítico, Alienado. Depois porque passou-se a secundarizar a importância do Corpo Produtivo (devido ao processo de automação da mão-de-obra da Indústria brasileira).

Entende-se que na década de 80 em diante o Corpo Produtivo não se fazia mais necessário, porém este não foi abandonado, pelo contrário, assumiu desde

então o centro das atenções, voltadas agora, para um modelo de Corpo Mercadoria/Mercador. Houve a mercantilização dos corpos, passaram a vender produtos como “Taffmam-e”, “Vitassay”, entre outros.

Contudo, se analisarmos o modelo de corpo mercador/mercadoria, percebe-se que ele na verdade não deixou de ser produtivo. Se pensarmos produtivo como sinônimo de eficiente, útil, veremos que os corpos que aparecem com mercadores são bem “apessoados”, estéticos, passando assim uma boa imagem da mercadoria a se vender; pois a imagem está relacionada ao produto. São então corpos produtivos enquanto mercadores.

Na escola a EF veio tentando, através do tempo, se descompatibilizar dos códigos que descaracterizaram enquanto prática pedagógica autônoma. Devido a esses códigos as relações pedagógicas assumiram papéis distorcidos, deturpados, alheios à verdadeira prática que deveria ser assumida pelos especialistas em EF. Vemos então no código médico o aluno/paciente e o professor/agente de saúde. No código militar o aluno/recruta e o professor/sargento. E por fim no código Esporte o aluno/atleta e professor/treinador.

É importante ressaltar neste último código, que com uma pedagogia para a capacitação física, objetivando o aprimoramento da sua aptidão, acabou-se reforçando a tese da educação da dimensão corpórea do Homem isolada da educação de sua dimensão intelectual. Em consequência disso a EF continuava a ver o homem como um ser predominantemente biológico.

Este fator fica claro quando a EF passa a construir a sua prática pedagógica no sentido do desenvolvimento de sua motricidade, do seu movimento humano. A partir daí sua prática pedagógica caminha na direção da educação motora, no desenvolvimento motor, da psicomotricidade, convicto de que a formação das aptidões motrizes é fator determinante para a assimilação da prática social.

2. Revisão da literatura

Tendo em vista que a incômoda posição em que se encontra a disciplina e o professor de Educação Física nas Escolas Estaduais de Diadema/SP é fruto de um processo cultural, construído desde o seu ingresso na grade curricular, lançamos mão neste trabalho de alguns autores que abordam temas como cultura corporal, História da Educação e da Educação Física no Brasil, políticas públicas, sociedade, entre outros. Dentre estes podemos citar Lino Castellani Filho, João Batista Freire, Coletivo de autores, Jocimar Daólio, Paulo Freire, Dermeval Saviani, Medina, Mauro Betti, Vilma Piccolo, De Souza Vargas.

Acreditamos ser de suma importância ressaltar que não nos atemos a correntes filosóficas, ideológicas, políticas ou pedagógicas para a elaboração desse estudo. Apesar de saber que há divergências nas linhas de pensamento de alguns dos autores abordados, utilizamos apenas as suas respectivas considerações a respeito da desvalorização e descrédito do profissional e da disciplina EF.

3. Metodologia

Foi realizado um levantamento de dados através de aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas direcionadas aos professores de Educação Física, professores de outras matérias, alunos e diretores de 05 Escolas Públicas, das cinco regiões da cidade de Diadema.

Tais perguntas (em anexo ¹) foram feitas para profissionais e alunos do Ensino Fundamental II (5ª a 8ª séries) e buscaram um entendimento básico sobre o trabalho e a imagem que a disciplina e o professor de Educação Física possuem em um meio tão importante quanto o das Escolas Públicas Estaduais, uma vez que entendemos ser esse é um dos mais poderosos meios de formação de opinião de nossa sociedade.

Procuramos coletar dados de regiões diferentes da cidade por acreditarmos que pudesse, eventualmente, aparecer alguma diferença nas respostas, pelo fato de uma escola ser mais central do que outra e, assim, a clientela e os profissionais terem visões e serem diferentes.

Tivemos o cuidado de orientar os profissionais e alunos envolvidos na pesquisa de que essa se tratava de algo sem vínculo com o Estado, que fazia parte realmente de um trabalho de monografia de final de curso, que eles não precisariam se identificar nas folhas de respostas (evitando, assim, possíveis constrangimentos com a direção da escola ou por falta de conhecimento das questões relativas à área de Educação Física) e que me comprometeria a dar-lhes um “feed back” sobre o resultado da pesquisa.

Explicitamos ainda, que para cada pergunta constante no questionário poderia haver mais de uma alternativa. Isso porque acreditamos que seria mais interessante que déssemos uma enorme gama de possibilidade de resposta (com alternativas corretas e erradas, separadamente) para que expressassem realmente o seu entendimento a respeito da questão tratada.

4. Apresentação dos dados e Discussão

Os questionários utilizados como fonte dos dados aqui angariados encontram-se expostos em anexo 1.

A pesquisa foi realizada com 25 professores de outras áreas de conhecimento, sendo que esses trabalham em cinco escolas diferentes, nas cinco regiões da cidade de Diadema. Além desses, foram entrevistados cinco diretores de escolas (na verdade apenas um diretor e quatro vice-diretores), sendo um de cada uma delas; onze professores de EF, também distribuídos nessas cinco escolas; e, por fim, com alunos do Ensino Fundamental II (de 5ª à 8ª séries) dessas diferentes escolas.

4.1. Pesquisa com professores de outras áreas de conhecimento

Com o intuito de obter maiores informações a respeito dos profissionais que atuam na rede pública estadual de educação e a sua respectiva visão a respeito da disciplina Educação Física, propusemos um questionário a vinte e cinco professores e obtivemos as seguintes respostas:

Nas questões 1 e 2 gostaríamos de saber onde e quando esses profissionais se formaram e há quanto tempo. Todos, sem exceção, se formaram em faculdades particulares e nesta amostra tivemos professores com formação em cursos variados (Geografia, História, Educação Artística, Ciências, Matemática e Português, sendo que a maioria dos que responderam às questões ministravam aulas destas duas últimas matérias). Em linhas gerais, não percebemos muita diferença entre as respostas de um e de outro por conta de sua formação. A maioria dos professores entrevistados se formaram e/ou ministram aulas há um tempo entre 5 e 10 anos.

A seguir (gráfico 1) temos a representação dos cursos em que os professores entrevistados se formaram.

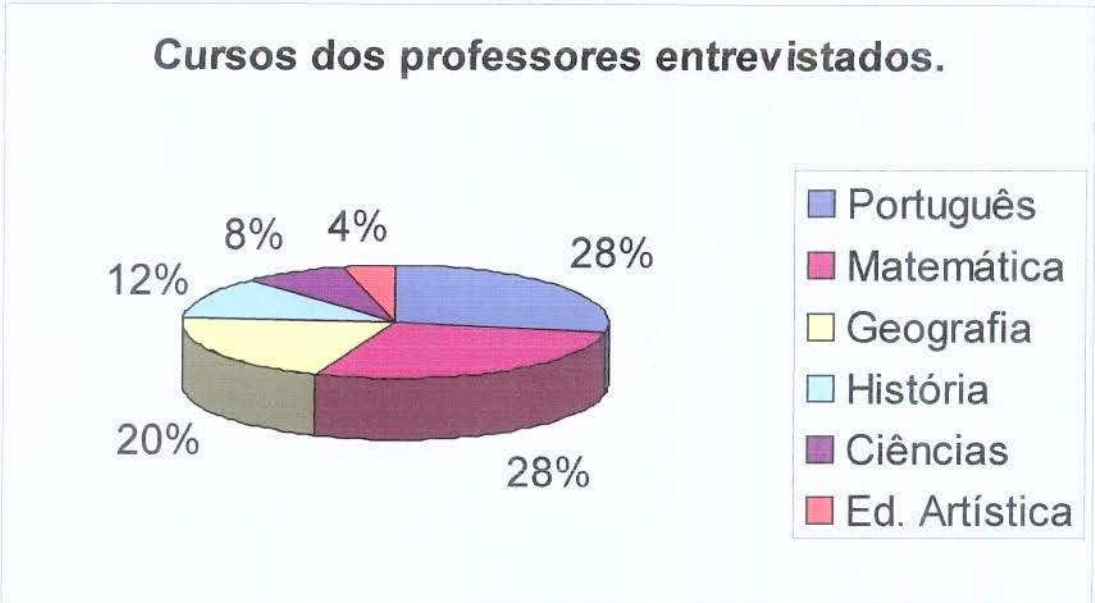


Gráfico 1: Relação dos cursos em que os professores entrevistados são formados.

A pergunta seguinte indagava sobre o que os professores acreditavam ser a EF Escolar. Vimos que apesar de a maioria entender a EF como disciplina/matéria, muitos ainda a confundem com seus conteúdos. Ou seja, ao serem indagados a maioria assinalou que, além de disciplina, EF é também “esporte”, “ginástica”, “lazer”, "recreação”, entre outros. Isso demonstra como as influências sofridas pela EF em sua trajetória na escola e na sociedade de um modo geral, encarnaram na disciplina de tal forma que muitas vezes algumas práticas interferem ou deturbam o real valor e importância de uma área de conhecimento, como é o caso da EF.

A seguir (tabela 1) podemos visualizar tal situação com maior clareza.

<i>Pergunta: O que é EF Escolar para você?</i>	
Disciplina/Matéria	25
Esporte	8
Ginástica	5
Recreação	4
Dança	3
Lazer	4

Tabela 1: Opinião de professores de outras áreas do que vem a ser a EF escolar.

Lembramos que em algumas perguntas os professores poderiam escolher mais de uma alternativa como resposta, por isso observamos que no quadro acima apresentado o número de resposta é maior que o de professores entrevistados.

Na pergunta seguinte gostaríamos de saber o que os professores entendem como sendo conteúdo próprio da disciplina EF. Contando que colocamos como alternativas o que entendemos como os cinco elementos que constituem os conteúdos da EF (esporte, ginástica, lutas, jogos e dança) e ainda outras atividades como: campeonato, brincadeiras, lazer, recreação e festas, obtivemos as seguintes respostas:

<i>Conteúdos da Educação Física Escolar (segundo professores de outras áreas)</i>	
Esporte	25 votos
Ginástica	14 votos
Lutas	1 voto
Jogos	20 votos
Dança	4 votos
Recreação	15 votos
Campeonatos	18 votos
Brincadeiras	12 votos
Festas (animação)	4 votos
Lazer	18 votos

Tabela 2: Conteúdos da EF segundo professores de outras áreas.

Observamos que nesta tabela os resultados nos mostram o quão complicado torna-se o trabalho do professor de EF dentro da escola, por conta do desconhecimento dos colegas de profissão a respeito do que devemos trabalhar em nossas aulas. Isso nos leva a crer que por essa ignorância dos colegas, essa errônea concepção de nossa área é transmitida e muitas vezes

cobrada pelos vários envolvidos com o processo educativo (os próprios professores, direção da escola, alunos, funcionários, pais, etc.), causando assim, um grande conflito entre as partes.

Outro importante aspecto a se observar nestas respostas é o fato de que dois dos elementos que em nossa opinião compõem os conteúdos da Cultura Corporal (lutas e dança) e que deveriam constar em nossas aulas de EF, quase não são relacionados pelos professores. Mais uma vez nos deparamos com a falta de informação do professorado das escolas públicas sobre a disciplina EF, porém, o que nos chama a atenção é a idéia de que isso ocorre, em parte, por conta de que nunca tais professores estudaram (quando alunos) ou viram (já quando professores) esses dois elementos serem trabalhados nas aulas de EF. Isso nos remete a pensar a prática do professor de EF, porém essa discussão se dará mais adiante.

Resumindo as duas perguntas seguintes, questionamos sobre o conhecimento dos professores sobre quantos anos eles acreditavam que dura uma graduação de EF e o que se estuda nesta faculdade. Os resultados estão expostos abaixo.

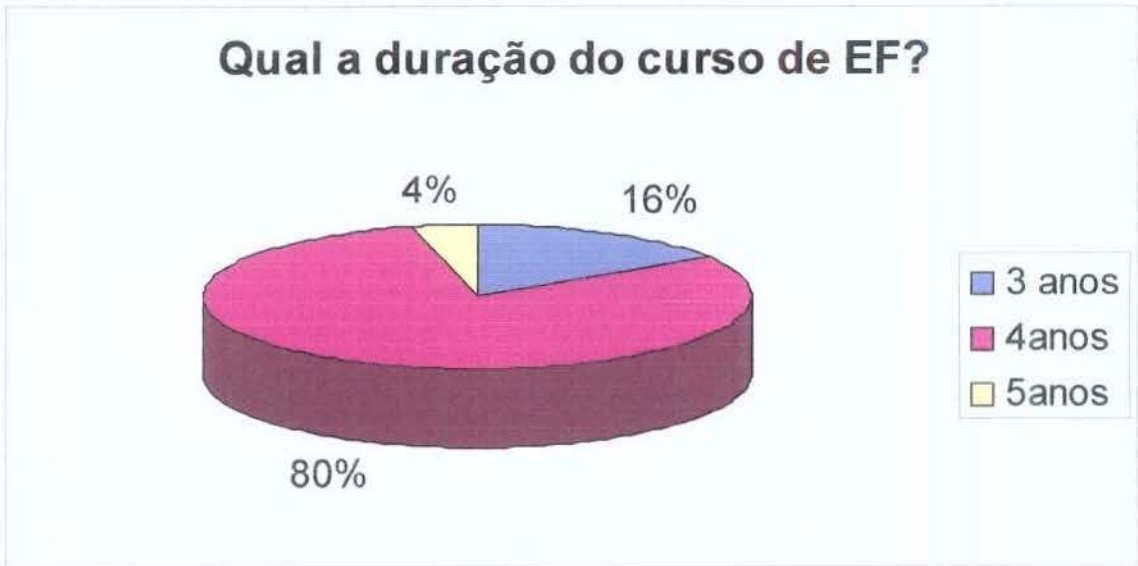


Gráfico 2: Respostas dos professores de outras áreas sobre qual a duração de um curso de EF.

Vemos no gráfico 2 que a maioria dos professores têm uma idéia de quantos anos, em média, dura uma graduação de EF. Contando que geralmente a duração de um curso de EF é de 4 anos (com exceções como é o caso do curso noturno da FEF – Unicamp, onde esse tempo é de 5 anos), apenas 20% dos entrevistados desviaram suas respostas desse padrão.

Porém, quando perguntados sobre o que se estuda em uma Faculdade de EF, as respostas nos mostram a real visão que tais professores têm da EF. Ou seja, a tabela 2 explicita um imenso desconhecimento de nossa área por parte deles.

<i>O que se estuda em uma Faculdade de Educação Física?</i>	
Esporte/jogos	22
Ginástica	17
Lutas/dança	4
Anatomia/fisiologia	24
Bioquímica/biomecânica	1
Psicologia	2
Outros (higiene pessoal)	1

Tabela 2: O que os professores de outras áreas de conhecimentos acreditam que seja estudado em uma faculdade de EF.

Percebe-se nitidamente que as influências das correntes médica e esportiva pelas quais a EF passou, estão intimamente ligadas à visão que a sociedade (pelo menos a visão que os professores) tem a respeito da disciplina. Que a força dessas duas correntes e as conseqüentes avarias causadas por elas foram vivenciadas e sentidas durante muito tempo na história da EF, não há dúvidas, atentamos, porém, para o fato de que ambas continuam assolando de forma tão intensa a nossa área de conhecimento.

Vemos que o estudo de anatomia/fisiologia é o “carro chefe” da concepção de estudo de EF para esses professores entrevistados. Seguido de

perto pela idéia de que estudamos esporte/jogos em nossa faculdade (de EF). Elementos como lutas e dança, raramente são citados; psicologia, por sua vez, foi citado apenas duas vezes; bioquímica/biomecânica aparece somente uma vez nas respostas. Tais dados nos apresentam novamente a falta de informação que outros profissionais têm a respeito da EF. Fazem muito pouca idéia do que precisamos saber para desempenharmos nossa atividade profissional, na maioria das vezes acreditam que precisamos saber treinar esportes e também como é formado o corpo humano (para prestarmos socorro a uma eventual contusão ou fratura que possa ocorrer). Deixamos ainda uma última opção “f() outros” para que expressassem as idéias que fazem sobre o que se estuda em uma faculdade de EF, mas apenas uma pessoa a preencheu e ainda citou o “*estudo do corpo humano*” como conteúdo a ser estudado. Detalhe é que essa mesma pessoa já havia assinalado o estudo de anatomia/fisiologia na mesma questão, o que demonstra a ignorância ou falta de atenção sobre o que estava tratando (pesquisa).

As próximas três questões dizem respeito ao papel que a EF exerce dentro da escola pública e ainda a participação e importância desta disciplina no projeto pedagógico dela.

Primeiramente perguntamos como os professores viam a EF dentro da escola e na tabela 3 (abaixo) vemos os resultados.

<u>Como o você vê a Educação Física na escola?</u>	
Passa tempo para os alunos	2
Momento de relaxar os alunos	2
Importante para o desenvolvimento global dos alunos	15
Importante ao projeto pedagógico da escola	10
Outros	--

Tabela 3: Como é vista a EF por professores de outras áreas.

Nesta pergunta os professores também poderiam escolher mais de uma alternativa como resposta. As respostas transcritas na tabela 3 nos mostram que os professores, mesmo desconhecendo a disciplina (como deixaram claro, de uma forma geral, nas respostas anteriores), acreditam que a EF é importante para o desenvolvimento global dos alunos e ainda importante para o projeto pedagógico da escola.

Quando perguntados sobre o seu conhecimento da participação da EF no projeto pedagógico da escola em que trabalham, houve uma divisão quase que exata nas respostas. Ou seja, doze dos professores disseram que há, enquanto outros doze professores assinalaram desconhecer tal participação. Uma única pessoa citou não haver participação. No gráfico 3 (a seguir) podemos observar a ilustração desta situação.



Gráfico 3: Participação da EF no projeto pedagógico das escolas estaduais.

A respeito da situação da (falta de) atuação do professor de EF nos projetos escolares, já diria De Souza Vargas (1990, p.59), “Na escola, o professor de Educação Física, geralmente, é aquele elemento simpático, alegre, liberto de tensões. Um elemento que não cria problemas para a instituição. E isso não deve causar surpresa nem espanto: como criar problemas se ele não participa de maneira ativa da rotina escolar? Ele é um turista, um visitante, um “E.T”. Na discussão de conteúdos das disciplinas e das metas a serem traçadas

para o período letivo, ele não é convidado a participar. No conselho de classe, ele é o elemento que pode passar despercebido, que pode entrar mudo e sair calado e, quando opina, é sobre os problemas de disciplina comportamental dos alunos, e nada mais”.

Logo a seguir perguntamos como é a participação da EF no projeto pedagógico de sua escola. Dez dos professores responderam acreditar ser “muito importante”, treze disseram ser “importante” e dois a entendem “inexpressiva”.

Vemos a citada representação gráfica a seguir.

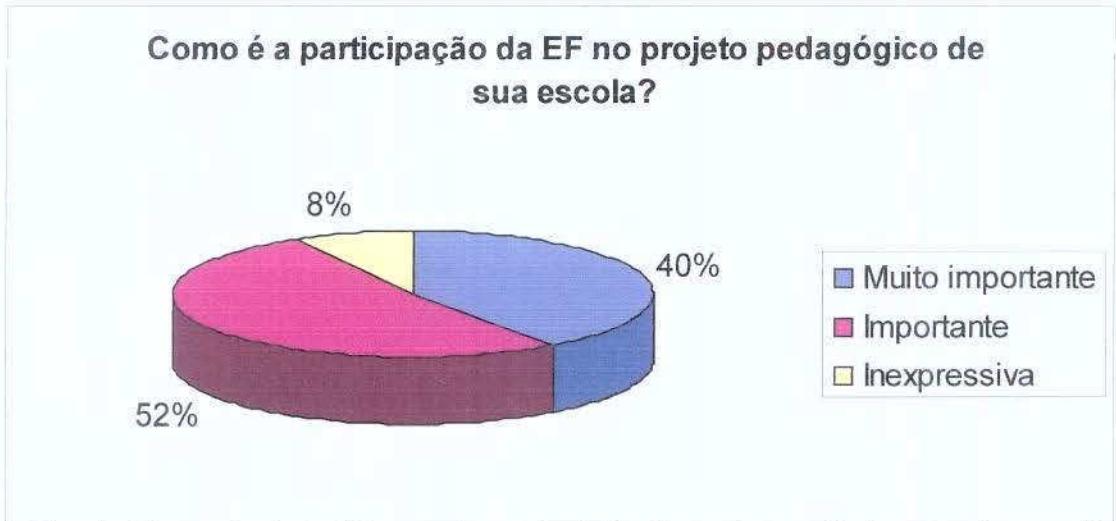


Gráfico 4: A importância da EF no projeto pedagógico de escolas estaduais, segundo os professores.

A princípio, a idéia que a tabela 3 nos transmite é a de que existe, entre os professores de outras áreas, uma consciência da importância da EF no desenvolvimento dos alunos, bem como para o projeto pedagógico da escola. Porém, as duas perguntas seguintes nos revelam uma grande incoerência nas respostas. Ou seja, eles (professores) relatam que a EF é importante para o projeto pedagógico (questão 7), cerca de metade deles desconhece a participação da disciplina neste projeto (questão 8) e logo depois dizem que a participação dela é “importante” ou “muito importante” (questão 9) no projeto pedagógico de sua escola. Tais dados nos levam a pensar que existe um equívoco no entendimento das questões ou (o que, por experiência própria, acredito ser a

verdadeira razão dessa confusão) os professores não participam dos projetos pedagógicos de suas escolas e por isso não sabem exatamente quem participa e como se dá essa participação. Porém essa é uma outra questão, que não está no centro de nossas atenções e, por isso, não trataremos no presente estudo.

A questão seguinte indagava sobre os principais objetivos da EF na escola. Também nesta questão os professores poderiam assinalar mais de uma alternativa. Os resultados veremos a seguir na tabela 4.

<i>Na sua opinião, quais os principais objetivos da EF Escolar?</i>	
Propiciar momentos lúdicos para os alunos	2
Disciplinar os alunos	7
Melhorar a saúde dos alunos	8
Auxiliar o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos	20
Trabalhar educação	4
Trabalhar afetividade	2
Trabalhar dança e ou lutas	2
Trabalhar ginástica	10
Ensinar esportes e ou jogos	12
Outros	--

Tabela 4: Os principais objetivos da EF Escolar, segundo pesquisa realizada com professores da rede pública de educação.

Os dados da tabela 4 refletem novamente uma falsa idéia de que os professores possuem uma visão esclarecida com relação aos objetivos da EF dentro da escola. A maioria entende que tal disciplina auxilia o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos. Porém, muitos ainda confundem, por exemplo, um meio de se alcançar tais objetivos (que é o caso do esporte) com o próprio objetivo da disciplina. Ou seja, em alguns casos, os mesmos professores que assinalaram acreditar ser objetivo da EF auxiliar o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos, também assinalaram como objetivo da EF ensinar esportes

(que no nosso entender é um meio para se alcançar tais desenvolvimentos). Outro fato de suma importância a se destacar é a presença, novamente, do esporte exercendo forte influência na percepção desses profissionais com relação à nossa área de conhecimento: vemos 12 professores assinalando “ensinar esportes e ou jogos” como um dos principais objetivos da disciplina. Não entendem, por exemplo, que o esporte faz parte de nossa cultura corporal e através de seu estudo e prática, trabalharemos diversas outras questões importantes para o desenvolvimento dos alunos, como: afetividade, socialização, ética, autonomia, respeito mútuo, etc.

✂ Outra questão muito interessante a se analisar é a idéia de “*disciplinar alunos*”. Na mesma pergunta tínhamos essa alternativa e logo abaixo “*trabalhar educação*”. Sete dos professores entendem que é papel da EF disciplinar (entendido aqui como fazer com que os alunos fiquem submissos, apáticos, quietos, que “respeitem” os professores e direção, não expressem suas idéias e necessidades ou desejos) alunos e apenas quatro deles entendem que devemos trabalhar educação. Nos deparamos aqui com uma tendência militarista, onde a idéia que paira é a de que nós (professores de EF) não somos capazes de promover discussões e chegarmos a um consenso ou decisão civilizadamente, sem imposições, sem ordens incontestáveis. O que nos parece é que os professores esperam que nós façamos os alunos gastarem energia e trabalhemos com eles algumas atividades que lhe dêem *disciplina* para que cheguem na sala de aula “calmos”, “tranqüilos”, “sem estresse”, “sem agitação”, “*prontos*” para *estudarem o que realmente interessa: as matérias teóricas* (matemática, português, ciências, geografia, história).

O que nos salta aos olhos ainda é uma certa tendência higienista que se observa em oito dos professores que acreditam ser um dos objetivos da EF melhorar a saúde dos alunos. Não que nós entendamos tal proposição totalmente errada, mas devemos tomar o cuidado de não priorizar a prática da EF para esse fim. Entendemos que devemos conscientizar nossos alunos que através das

práticas inerentes à EF (que trata da cultura corporal) eles terão um conseqüente ganho de sua saúde (nos aspectos físicos, psicológicos, cognitivos, sociais).

Tanto nesta tabela (4) quanto na tabela 2, temos a ginástica sendo citada de forma significativa pelos professores. Acreditamos que isso seja devido ao fato de, durante muito tempo, a EF ter sido caracterizada pela prática de ginástica (alemã, francesa...). Curiosamente, ainda vemos professores (com mais de vinte anos de rede) que ao mandarem os alunos para a aula de EF dizem: “está na hora da ginástica”.

Das outras alternativas, a “trabalhar dança e ou lutas” (entendidos aqui como elementos da cultura corporal) é a que nos chama a atenção, pois novamente fora pouco assinalada, reforçando o que já discutimos a respeito da falta de informações dos professores sobre a EF.

A última pergunta trata mais especificamente do professor de EF, a imagem, importância e valor deste frente ao grupo de professores. Veremos a seguir o gráfico (5) ilustrativo da referida questão.



Gráfico 5: Quando os professores de outras áreas vêem importância no trabalho do professor de EF.

Estes últimos dados (gráfico 5) nos dão o exato parecer do grupo de professores de escolas estaduais sobre o profissional de EF nestas instituições. A primeira vista, não queremos acreditar que essa é a visão que se tem de nossa

área de conhecimento. Custa-nos crer que passamos anos de nossas vidas estudando e nos preparando da melhor forma possível para, quando profissionais (atuando), nos depararmos com uma situação como essa. É difícil aceitar que colegas de profissão creditam maior importância ao nosso trabalho quando estamos organizando eventos e não quando estamos dando aulas ou pensando (discutindo, construindo) na prática pedagógica.

O gráfico 5 explicita de forma resumida a atual e real situação da disciplina e do professor de EF dentro das Escolas Estaduais da cidade de Diadema (dentro de suas 5 regiões, pois não encontramos diferenças significativas entre elas), São Paulo. Durante esses últimos quatro anos em que tivemos a oportunidade de ministrar aulas em escolas públicas e frequentar reuniões e espaços de discussões dentro delas, vivenciamos diversas situações em que pudemos perceber discriminação, desvalorização, descrédito, desrespeito, menosprezo, entre outros sentimentos e ações, com relação à EF (tanto para com a disciplina quanto para com o professor). Por acreditarmos que tais atitudes são frutos de um processo cultural (onde tal consciência foi construída através da história que a disciplina e o professor de EF trilharam em nossa sociedade e todos os trâmites para o ingresso, obrigatório, na grade curricular), ficamos muito temerosos com o que possa vir acontecer com a nossa área de conhecimento. Isto por que entendemos ser a escola pública, e seus respectivos professores, os maiores formadores de opinião da população brasileira. Uma vez com esse entendimento preconceituoso, errôneo, ignorante, sobre a EF, os referidos professores passarão aos seus alunos, filhos, amigos, enfim, à sociedade de uma forma geral, tais conceitos. Tememos o processo de perpetuação dessa visão, pois é exatamente o que vem ocorrendo ainda hoje nas escolas. Combatemos de todas as formas possíveis que isso aconteça, porém acreditamos ser esta uma luta contínua e árdua, onde estamos em enorme desvantagem, uma vez que nem mesmo os próprios professores de EF assumem-

na para si e simplesmente deixam “o barco correr”, como veremos nesse mesmo trabalho, mais à frente.

Uma primeira atitude a se tomar, no nosso entender, é trazer todos esses professores para o nosso lado, ou seja, trabalhar no sentido de mudar a visão que estes possuem a respeito da disciplina e do professor de EF. Precisamos mostrar o nosso real valor dentro das instituições escolares, tornarmos mais participativos em todas as discussões e planejamentos pedagógicos, trabalhar com seriedade, respeito, compromisso, interdisciplinaridade, deixar claro os objetivos e conteúdos da disciplina, as aprendizagens e desenvolvimentos a se alcançar.

“Temos que assumir o papel de educador, de agente de mudanças que contribui de forma crítica para o processo educativo, favorecendo a discussão, a participação e tendo dialética como alicerce para a tomada de decisões (...) não podemos mais cruzar os braços à espera de um reconhecimento que só virá quando nosso discurso se materializar em atos que demonstrem nosso compromisso com o educando e com a sociedade de forma total”. (De Souza Vargas, 1990, p.60).

4.2. Pesquisa com diretores (vice-diretores) e administradores

Assim como tínhamos a proposta de conhecer e analisar os conhecimentos que os professores de outras áreas de conhecimento têm a respeito da EF, o mesmo acontece com os diretores e vice-diretores. Atentamos para o fato de que, por exercerem uma posição de poder dentro das instituições escolares, os conhecimentos destes últimos apresentam fundamental influência no desenvolvimento da disciplina em questão. Ou seja, dependendo da idéia (correta ou errônea, boa ou má, coerente ou não) que os diretores têm da disciplina, podemos supor e argumentar sobre as atitudes correspondentes.

A pesquisa colheu dados de dois diretores e três vice-diretores, de cinco escolas diferentes (uma de cada região da cidade). Pedimos, porém, aos nossos leitores que onde citarmos diretores entendam diretores e vice-diretores.

Primeiramente (duas primeiras perguntas), vemos que todos os profissionais se formaram em faculdades particulares, há mais de 10 anos, e são diretores ou vice-diretores há 5 anos, em média.

A questão três nos mostra que todos os diretores entendem que a EF é uma disciplina/matéria, porém em dois casos os diretores citaram que além de disciplina eles acreditam que se trata também de lazer/recreação. Detectamos, desta forma, nosso primeiro ponto de discussão, ou seja, o entendimento de pelo menos dois desses profissionais já se apresenta de maneira confusa. Na tabela 5 vemos tais respostas.

<i>O que é EF Escolar para você?</i>	
Esporte	--
Disciplina/matéria	5
Lazer/recreação	2
Outros	--

Tabela 5: Visão dos diretores sobre o que é EF.

Na questão seguinte (quarta) vemos que todos acreditam que todos os itens citados são conteúdos da EF (com exceção de um profissional que deixou de relacionar lutas como conteúdo). Dessa questão é importante ressaltar que eles acreditam que recreação, campeonato, brincadeiras, lazer, higiene pessoal, organização de festas, são conteúdos da EF. Vejamos a tabela 6:

<i>Na sua visão, quais os conteúdos da EF?</i>	
Esporte	5
Jogos	5
Ginástica	5
Dança	4
Lutas	3
Recreação	5
Campeonatos	5
Brincadeiras	5
Lazer	5
Higiene pessoal	3
Outros (Organização de festas)	2

Tabela 6: Quais os conteúdos da EF, segundo os diretores das escolas.

Quase todos os diretores entendem, como nós, quais são os cinco elementos que compõem os conteúdos da EF (esporte, jogos, dança, lutas e ginástica). Vemos a exceção nos seguintes itens: *lutas* (dois diretores não entendem como parte dos conteúdos) e *dança* (um também não a percebe assim). Interessante atentar para o fato de que as alternativas: recreação, campeonato, brincadeiras, lazer, higiene pessoal, organização de festas, aparecem de forma surpreendentemente bastante assinaladas, o que indica a mesma falta de informação que os professores têm sobre a questão.

A pergunta onde gostaríamos de saber a visão que estes tinham sobre a EF na escola nos deixa alerta, mesmo que em baixa escala, para uma preocupação que devemos ter a esse respeito. Abaixo (tabela 7) veremos os resultados e logo após uma breve discussão sobre eles.

<i>Como você vê a EF em sua escola?</i>	
Passa tempo para os alunos	2
Momento de relaxar os alunos	2
Importante para o desenvolvimento global dos alunos	5
Importante no projeto pedagógico da escola	5
Outros	--

Tabela 7: Como a EF é vista dentro da escola, segundo os diretores.

Chamamos a atenção de todos para as duas primeiras alternativas da questão. Mesmo que apenas dois dos cinco diretores pensem desta forma, acreditamos que já é o suficiente para reforçar ou ratificar o papel de pouca importância que a EF vem assumindo e se deixando assumir dentro das escolas públicas estaduais. Imaginemos nosso conhecimento servindo como “passa tempo” ou para “relaxar” os alunos, imaginemos atitudes que os professores e diretores possam tomar ou as idéias que transmitem aos alunos, pais, amigos ou entre eles mesmos, sobre a EF.

Nas quatro perguntas seguintes investigamos sobre a participação do professor de EF no projeto pedagógico das escolas. Primeiro gostaríamos de saber se há participação deste nos projetos pedagógicos. A resposta foi unânime, todos afirmaram que sim. Posteriormente (tabela 8) perguntamos sobre a importância desta participação. Um diretor respondeu ser “muito importante” e o restante acredita ser “importante”. Dentro deste mesmo tema, indagamos (tabela 9) sobre o acompanhamento da direção nesta questão. Mais uma vez os resultados nos chamam a atenção: dois diretores assinalaram que este acompanhamento ocorre de forma “efetiva” e três citaram ser pouco o acompanhamento da disciplina no projeto pedagógico da escola. Por fim, a última pergunta acerca deste assunto (tabela 10) acaba por esclarecer qual é a importância da EF nos projetos pedagógicos das escolas, de uma forma geral. Perguntamos sobre a pré-disposição dos professores em participarem destes

projetos pedagógicos. Quatro dos diretores afirmaram que eles estão “sempre dispostos” e apenas um assinalou “às vezes” dispostos a participar. Vemos nestas respostas que apesar de os diretores acreditarem ser importante e dizerem que há disposição e participação da EF nos projetos pedagógicos, a maioria relatou não acompanhar essa participação em suas escolas. Como posso achar uma disciplina importante e, ao mesmo tempo, não ligar para ela? Ou melhor, de que forma posso dizer que uma disciplina é importante se eu não a acompanho? Vemos que há uma grande incoerência nas respostas deles (diretores) quando dizem que acreditam ser importante o papel da EF nos Projetos pedagógicos? Será que há realmente essa participação? Lembremos que as respostas dos professores de outras áreas para essa questão indicavam um desconhecimento da participação da EF nos projetos pedagógicos da ordem de 48% das respostas. Muitas são as hipóteses para se justificar as respostas desses diretores, talvez quisessem valorizar a EF por esse estudo ser de professores de EF; talvez quisessem não demonstrar o seu desconhecimento sobre a área; talvez quisessem proteger seus professores de EF de alguma “calça curta”; ou podem acreditar mesmo nesta importância, mas não têm ainda claramente para que ou como justificar essa importância. Acreditamos que, assim como as outras disciplinas, a EF tenha sua parcela de auxílio no desenvolvimento dos projetos e, conseqüentemente, dos alunos. Não podemos deixar se perpetuar essa visão discriminadora de nossa área. Temos que nos fazer presentes e atuantes para que sejamos entendidos como parte integrante do processo educativo das escolas. Há tempos tais discussões são fomentadas, mas sem algum efeito prático. Citaria novamente De Souza Vargas (1990, p.59) quando cita que:

“... a verdade é que os professores de Educação Física estão divorciados do processo educativo. Eles estão banidos (melhor: eles se deixaram banir) do ato educativo. Buscamos fazer da Educação Física apenas uma forma de passar o tempo, de chacoalhar os ossos, de desenferrujar os músculos, uma forma de escapar por algum tempo da atmosfera psíquica da sala de aula. Um exercício para ajudar na digestão das matérias que realmente

interessam...” E o mesmo autor ainda cita que “a verdade é essa: em nossa prática não tem havido lugar para a troca, para o diálogo, para a dialética. Não nos expomos, não discutimos nem nos integramos ao processo pedagógico das instituições a que pertencemos. Estamos à margem da interdisciplinalidade”.

A seguir apresentaremos as tabelas ilustrativas destas questões.

<i>Como você entende a participação da EF no projeto pedagógico de sua escola?</i>	
Muito importante	1
Importante	4
Inexpressiva	--
Sem importância	--
Outros	--

Tabela 8: Importância da EF nos projetos pedagógicos.

<i>Como é o acompanhamento da direção nesta questão?</i>	
Efetivo	2
Pouco	3
Nenhum	--

Tabela 9: Acompanhamento que os diretores realizam sobre a participação da EF nos projetos pedagógicos das escolas.

<i>Qual o nível de pré-disposição dos professores de EF em participarem/cooperarem do projeto pedagógico?</i>	
Às vezes	1
Sempre dispostos	4
Raramente	--
Nunca	--

Tabela 10: Pré-disposição dos professores de EF em participarem dos projetos pedagógicos das escolas, na visão dos diretores.

A questão seguinte tratava sobre a visão dos diretores sobre a participação de cursos de reciclagem/aperfeiçoamento realizada pelos professores de EF. Obtivemos como respostas, de forma unânime, a indicação de que tais professores participam “muitas vezes” desses cursos. É importante ressaltar que os cursos apontados nestas respostas referem-se aos encontros promovidos pela coordenadoria de EF da Secretaria de Educação do Estado (que é subdividida por cidade). São aulas em que se propõem uma série de atividades e discussões acerca da atuação profissional desses professores. Durante a realização desses encontros os professores são dispensados das aulas para a sua participação.

A seguir (tabela 11) perguntamos qual o entendimento dos diretores sobre os objetivos da EF. Os diretores, assim como os professores, acreditam que a EF sirva para auxiliar o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos. Três deles citaram ainda, como objetivo da EF, “trabalhar afetividade” e um citou trabalhar socialização. Talvez o fato de 3/5 deles citarem “trabalhar afetividade” seja por influência de nosso atual Secretário de Educação, o sr. Gabriel Chalita defender tantas vezes a inclusão desse sentimento nas escolas estaduais de São Paulo. Dizemos isso por experiência que tivemos em alguns HTPCs que participamos, onde coordenadores e diretores citaram a aula de EF para argumentar algum discurso seu, sobre o trabalho com afetividade necessário nas escolas estaduais e também por algumas vídeo-conferências, onde o Secretário defende a questão.

<i>Quais os principais objetivos da EF?</i>	
Proporcionar momentos lúdicos para os alunos	--
Disciplinar os alunos	--
Melhorar a saúde dos alunos	--
Auxiliar o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos	5
Trabalhar educação	--
Trabalhar afetividade	3
Ensinar esportes	--
Outros... (socialização)	1

Tabela 11: Quais os principais objetivos da EF, segundo diretores de escolas estaduais.

Socialização, afetividade, companheirismo, cooperação, amizade, respeito, ética, entre outros, são sentimentos e atitudes em baixa em nossa sociedade e também nas escolas. Talvez por isso tais temas estão cada vez mais presentes nos ideais e discursos dos pensadores e administradores de órgãos educacionais. Vemos que por acreditarem que a EF é uma disciplina com maior contato físico, com mais “liberdade” de expressão, maior ludicidade, maior interesse por parte dos alunos, tais administradores creditam à EF a função de se trabalhar com mais ênfase os sentimentos e atitudes acima citadas.

Como educadores não fugimos a essa responsabilidade de formação do cidadão, porém, o que discordamos (e que está explícito na intenção desses administradores) é da idéia de nós da EF termos que buscar apenas o desenvolvimento e valorização dessas práticas. Ou seja, a impressão que fica é a de que os outros professores têm coisas mais importantes para ensinar, sobrando para nossa área de conhecimento tal função (uma vez que diretores e professores de outras áreas não têm claro o por que estarmos na escola e o que ensinar aos alunos).

A última questão levantada com os diretores, indagava sobre quais os momentos que eles percebiam maior importância do trabalho do professor de EF nas escolas. Novamente tivemos uma unanimidade nas respostas dos diretores, ou seja, todos assinalaram a alternativa “diariamente”.

Esses dados nos levam definitivamente a concluir que realmente ocorre uma grande incoerência ou confusão nas respostas dos diretores. Em algumas eles relatam que há participação dos professores de EF nos projetos pedagógicos, que esta é importante, que estão sempre dispostos a participar, que vêm importância no seu trabalho diariamente. Porém, em outras respostas, eles demonstram desconhecimento dos objetivos e conteúdos da EF, dizem que não acompanham tal participação nos projetos pedagógicos (o que nos leva a crer que não acompanham também as aulas) e alguns ainda entendem a EF como “passa tempo” e “momento para relaxar os alunos”.

Parte desta visão que permeia sobre a EF como área de conhecimento foi construída e tem sido perpetuada por causa do próprio professor de EF. Este, em sua prática e durante as discussões que dizem respeito à área, tem se omitido, se acomodado a esta visão errônea da EF. Talvez por conta da facilidade em se trabalhar dessa maneira (a prática do “rola bola” – onde os professores têm a incumbência apenas de levar uma bola para a quadra e dividir os times), sem preocupações com interdisciplinaridade, projetos pedagógicos, conselhos de classe, educação cidadania, etc., etc. Veremos mais adiante as respostas dos professores de EF onde poderemos confirmar ou negar tais suposições, analisando-as e tecendo melhores considerações.

4.3. Pesquisa com professores de EF

Pensamos serem as seguintes respostas as mais importantes para o desenvolvimento do presente trabalho. Isso porque está na atuação e pensamento desses profissionais a melhor forma de mudarmos esse quadro negativo ao nosso

entender. Através deles poderemos (como área de conhecimento) desenvolver uma consciência crítica, no meio escolar a princípio, sobre a EF. Eles são a nossa força, para o bem ou para o mal, serão eles que mudarão ou não nossa situação frente ao grupo de trabalho, todo o conceito acerca da disciplina está intimamente arrolado à postura deste profissional.

Foram entrevistados onze professores de EF, também distribuídos nas cinco escolas envolvidas na pesquisa.

A primeira pergunta indagava sobre a formação dos professores. Os dados nos mostram que todos se formaram em Faculdades Particulares, sendo que dois deles se formaram de 10 a 15 anos, 4 há menos de 5 anos e 5 dos professores entre 5 e 10 anos. Essa primeira questão teve como objetivo determinar de onde vêm os profissionais de EF que atuam na Rede Estadual de Educação e há quanto tempo. Vemos abaixo o gráfico 6 ilustrando tais dados.



Gráfico 6: Tempo de formação dos professores de EF que atuam nas escolas estaduais.

A seguir temos o gráfico 7 que representa o tempo que os professores atuam no Estado. A princípio, pode parecer sem propósito termos colocado tal pergunta, isso porque as respostas deveriam ser as mesmas da pergunta anterior. Porém, veremos que o tempo de serviço é nitidamente maior do que o tempo de

formação, o que indica que os professores começam a trabalhar na rede estadual de educação, geralmente, antes de se formarem.



Gráfico 7: Tempo de atuação dos professores de EF na Rede Pública Estadual de Educação.

A terceira pergunta da pesquisa teve o intuito de saber se os professores que ministram aulas no Estado possuem outro emprego. Como respostas, obtivemos quatro dos professores afirmando que trabalham em mais de uma Escola Estadual (para completar a carga horária de 40hs semanais). Dois relataram trabalhar em outras instituições educacionais (1 em particular e 1 em prefeitura). Outros cinco afirmam que não trabalham em outros empregos (provavelmente por possuírem carga completa no Estado, pois desses, quatro, pertencem aos professores com mais de 10 anos de atuação na rede pública). Percebemos assim que a maioria dos professores se dedica ao trabalho de educação em Escolas Estaduais.

A seguir (gráfico 8) veremos a ilustração desses dados.

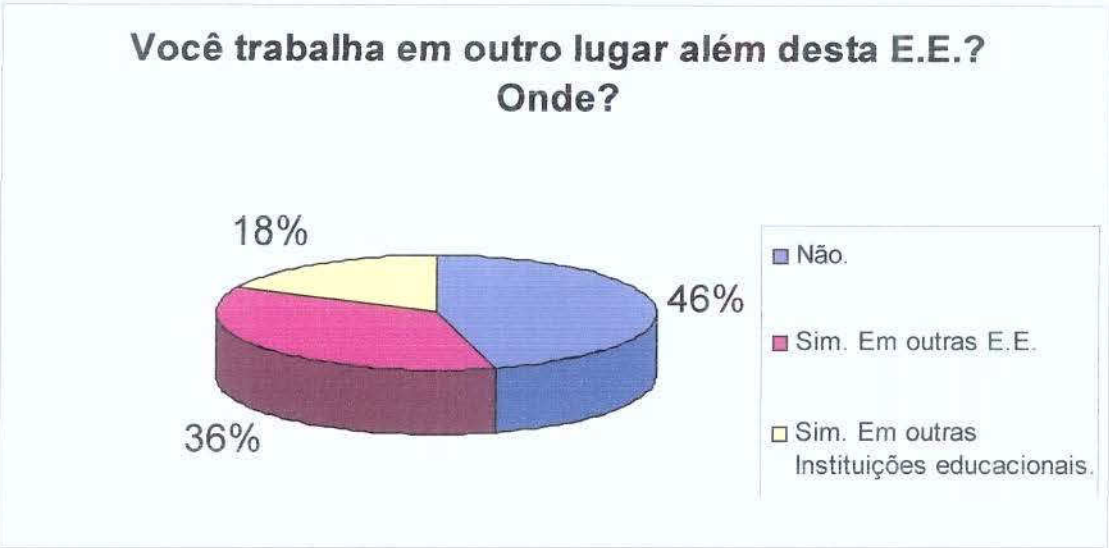


Gráfico 8: Percentual dos professores de EF que trabalham em outros lugares, além de sua E.E.

A quarta pergunta refere-se ao entendimento do professor da disciplina sobre o que é EF Escolar. Veremos abaixo (tabela 12), que os resultados apontam para uma certa confusão dos conceitos desse professor, assim como aconteceu com os outros (de outras matérias). Todos citaram ser disciplina/matéria, porém todos também assinalaram os conteúdos da EF Escolar como sendo a EF Escolar. Ou seja, seria o mesmo que dizer que a Matemática é subtração, adição, multiplicação e divisão, ou que Língua Portuguesa é verbo, substantivo, adjetivo, etc. Sabemos que esses são conteúdo que fazem parte de tais disciplinas, mas não é certo afirmar que são “a disciplina”. O mesmo entendemos com tais conteúdos da EF, eles fazem parte dela.

<i>O que é EF Escolar para você?</i>	
Disciplina/matéria	11
Esporte	8
Lazer	8
Recreação	8
Ginástica	10
Dança/Lutas	7
Outros	--

Tabela 12: O que é EF Escolar, segundo os professores de EF.

Acreditamos que a EF Escolar é uma área de conhecimento que está inserida na escola como uma disciplina curricular. Nas questões seguintes discutiremos mais sobre os conteúdos, objetivos e atuação dos professores de EF.

Na próxima tabela (13) veremos os resultados sobre a visão dos professores de EF com relação aos conteúdos da disciplina que ministram aulas.

<i>O que você acredita que seja conteúdo da EF?</i>	
Esporte	10
Jogos	10
Dança	11
Lutas	9
Ginástica	11
Recreação	11
Lazer	11
Campeonato	10
Brincadeiras	11
Outros	--

Tabela 13: Relação dos conteúdos da EF segundo os professores dessa mesma disciplina.

Observamos que mesmo os professores formados em EF têm dificuldades em definir e relacionar quais são os conteúdos que tal disciplina deva tratar nas escolas. Dos elementos componentes dos conteúdos da EF Escolar aqui entendidos como esportes, jogos, ginástica, lutas e dança, vemos que três dos entrevistados não vêem as lutas como componentes dessa área de conhecimento. Ainda vemos, surpreendentemente, os itens jogos e esportes não assinalados por um professor. Mas o que mais nos salta aos olhos é o fato de que elementos como campeonato, brincadeiras, lazer e recreação serem tantas vezes citados.

Voltamos a ressaltar que um grande empecilho (se não for o maior deles) para a reversão desse quadro de descrédito do professor e da disciplina EF nas escolas públicas, é o fato de os próprios profissionais da área não entenderem ao certo o que devam estar trabalhando. Como brigar para sermos reconhecidos se não nos conhecemos? Como justificar, defender ou argumentar sobre algo que não se tem certeza?

Tivemos como objetivo com a sexta pergunta conhecer e confrontar o que acontece realmente na prática com as respostas da questão anterior, onde os professores tiveram a oportunidade de relatar o que acreditam ser conteúdos da EF. Questionamos sobre o que realmente eles mais trabalham em suas aulas e as respostas veremos a seguir (tabela 14):

<u><i>O que você mais trabalha em suas aulas de EF?</i></u>	
Esporte	10
Jogos	6
Dança	2
Ginástica	6
Lutas	0
Recreação	9
Campeonato	3
Brincadeiras	6
Lazer	4
Outros (conscientização dos movimentos)	1

Tabela 14: O que os professores de EF do Estado mais trabalham em suas aulas.

Observamos a priori que o esporte continua como “carro chefe” da prática educativa dos professores de EF no Estado. Apenas um, dos onze professores pesquisados, respondeu: *Outros: “conscientização dos movimentos”* (por sinal, tal professor respondeu somente isso, o que nos leva a indagar como o fará

senão por um dos meios relacionados na questão?). Tais dados reforçam, novamente, a influência da corrente esportiva pela qual a EF Escolar foi (e pelo visto ainda é) norteadada durante um bom tempo de sua história.

É preciso deixar claro que não somos contra o esporte na escola, temos apenas uma visão crítica de como ele vem sendo trabalhado nesta instituição educacional. Discordamos tanto do esporte trabalhado apenas com uma proposta recreativa (a prática do “rola bola” - bastante presente nas escolas públicas), como objetivando performance. Acreditamos que este, como os outros conteúdos da EF Escolar, faz parte da cultura corporal de nossos alunos, e precisamos desenvolvê-lo a partir dessa premícia de prática cultural. Betti (1993) nos diz a esse respeito que: “a cultura corporal na qual inclui-se a cultura esportiva, é parte da totalidade da cultura humana; a cultura corporal é definida pela cultura geral e ao mesmo tempo um elemento que define numa relação dialética”. Finalizando essa discussão acerca do esporte na escola, De Souza Vargas (1990, p. 63), conclui:

“... um outro dado inegável é a presença do desporto em todos os momentos de nossa vida, em nossa cultura e em nossa prática. Podemos criticar o uso do desporto como pretexto para a performance e a competição, mas é cegueira negar seu potencial de mobilização do ser humano total”.

Outro item bastante apontado foi o trabalho com recreação, que obteve nove indicações. Se pensarmos que os itens lazer e brincadeiras obtiveram quatro e seis indicações, respectivamente, e os juntarmos com a recreação, teremos cerca de 19 das 33 respostas possíveis (juntando as três alternativas dos onze entrevistados), assinaladas, indicando uma tendência de ludicidade ao trabalho desse profissional. Mais como uma constatação do que como uma crítica, levantamos esses dados procurando lembrar que é preciso ficarmos atentos para as atividades desenvolvidas (o que não nos propusemos a analisar neste trabalho) por esses professores. Isso porque, dependendo do trabalho (das

brincadeiras, recreação e lazer) proposto, dos seus propósitos e objetivos, da sua metodologia e discussão, da intervenção e desenvolvimentos a se alcançar por parte dos alunos, entre outros aspectos importantes a se pensar, poderemos estar ratificando nosso descrédito profissional. Não podemos “aplicar” atividades sem justificativas, sem embasamento, sem termos como argumentar e defendê-las quando eventuais dúvidas ou chacotas vierem por parte de outros profissionais ou alunos (e seus pais).

Uma questão muito difícil ou mal entendida por professores de EF é a idéia de se trabalhar com lutas (que não foi indicada uma só vez no questionário acima) em escolas públicas. Lembro-me que num passado recente conversava, em reunião, com o coordenador da EF Escolar do Estado na cidade de Diadema e, lá pelas tantas da conversa, o rapaz argumentava sobre a “falta de coerência de alguns estudos que indicavam as lutas como conteúdo da EF”. Dizia ele: “... é inconcebível práticas de lutas dentro de escolas públicas (...) já pensou as crianças se batendo, umas nas outras? Vai ser um baderna só!”. Ouvindo tal discurso, tentei argumentar sobre a possibilidade de se trabalhar com lutas, sim! E após alguns minutos de discussão (e um sentimento de menosprezo por parte dele com relação às minhas idéias – talvez por já estar atuando há quase dez anos ou por ser coordenador da disciplina EF na cidade e eu “apenas” um professor), o assunto foi se amornando. Porém, não me contive e fiz questão de convidá-lo para participar de uma aula de capoeira que estava no cronograma da 8ª série em que ministrava aulas. Convidei um mestre de capoeira para dar uma aula (onde relacionei algumas questões importantes a se trabalhar, como a parte histórica, filosofia, ensinamentos, regras, etc.) sobre essa prática para os alunos e pedi para que planejasse uma oficina para que ao final todos vivenciassem os movimentos. Vieram o mestre e alguns alunos seus (de sua academia) e desenvolveram o trabalho proposto. O referido coordenador não apareceu, mas nem precisou, pois a repercussão foi tão grande e positiva que a direção da escola (que ficou um pouco ressabiada quando pedi autorização para a entrada

das pessoas estranhas à escola) me deu “carta branca” para as próximas atividades do mesmo gênero.

Com esse pequeno relato quisemos deixar claro que todos nós temos limitações e preferências com relação aos conteúdos a se trabalhar na EF Escolar. Porém, acreditamos que é fundamental que tentemos, ao menos, procurar alternativas para essas nossas limitações, a fim de que se propicie aos alunos vivências significativas para as suas vidas. Falar que não conhece ou não sabe fará que fiquemos estagnados ou até que regridamos nessa incomoda posição em que nos encontramos.

Os outros elementos da cultura corporal (dança, jogos e ginástica), foram, relativamente, pouco anotados. Acreditamos que dança (com duas indicações apenas) sofra o mesmo processo de desconhecimento/desinteresse, por parte dos professores de EF, que as lutas sofrem. Vale, então, as mesmas preocupações e argumentações para ambos. Com relação aos jogos (que tiveram seis indicações), vemos que poucas vezes os professores se utilizam deles para desenvolver suas aulas. Este é um fato de difícil mensuração, pois não perguntamos o que os professores entendem de cada um desses elementos, mas, por experiência de trabalho e de conversas, podemos afirmar que muitas vezes os professores confundem o jogo com o esporte. Dizem: “estou trabalhando jogo de futebol”, quando na verdade estão trabalhando o esporte futebol. Por deixarem os alunos “livres” para “jogarem” futebol ou vôlei, por exemplo, entendem que se trata de um jogo (mesmo que os alunos estejam utilizando as regras universais do esporte). Já com relação à ginástica (também com seis indicações), acreditamos que os professores até trabalhem ou queiram trabalhar algumas habilidades dessa prática, porém muitos deixam de desenvolvê-la pela falta de materiais apropriados.

A questão seguinte indagava sobre a participação da EF nos projetos pedagógicos das escolas. A seguir veremos a ilustração gráfica dos dados obtidos.



Gráfico 9: A participação da EF no projeto pedagógico das escolas, segundo os professores da disciplina.

Comecemos pelos dados mais surpreendentes. Dezoito por cento dos entrevistados percebem a participação da EF como “INEXPRESSIONAL”. A primeira questão que nos vem à cabeça é a de como um profissional (independente da área em que atue) entende sua participação no grupo de outros profissionais, que têm um objetivo comum, de maneira “inexpressiva” e ainda assim se sente parte desse grupo e do processo de busca dos objetivos dele. Ou será que não se sente? Bem, não sabemos o que é pior. Outras questões vêm logo a seguir, nesta linha de raciocínio que busca uma valorização de nossa área de conhecimento. Indagamos, então, o que esses professores têm feito para reverter esse quadro negativo? Será que desejam reverter esse quadro? Ou é mais cômodo ficar alheio ao que se passa, pedagogicamente falando, na escola para diminuir trabalho e evitar cobranças? “Nunca se esperou muito da gente e, para confirmar isso, nós fizemos o que se esperava: nada ou muito pouco” é o que já dizia De Souza Vargas (1990, p. 59), ao dissertar sobre a postura inerte do profissional de EF.

Vemos ainda, que apenas vinte e sete por cento dos professores entendem a participação da EF como sendo “muito importante”. Talvez seja reflexo de toda uma história de discriminações e desvalorização que sofreu a disciplina e o

professor de EF. Será que de tanto dizerem que não somos importantes, estamos realmente acreditando nisso? Sabemos que enquanto não acreditarmos em nós mesmos não seremos capazes de melhorar nossa imagem frente à sociedade. Mais uma vez recorremos a De Souza Vargas (1990, p. 59) para discorrer sobre o assunto. Diria o autor sobre o professor de EF: “seu perfil é de invisibilidade. Sua prática é inercial. Deste perfil e desta prática surge o profissional desvalorizado, sem poder de barganha, que não merece da sociedade o respeito que seria de se esperar de seu potencial”.

Em seguida questionamos sobre os fatores que mais dificultam o desenvolvimento do trabalho deles (professores de EF) nas escolas estaduais. Os resultados estão expostos na tabela 15, logo abaixo.



<i>O que você acredita ser o fator de maior dificuldade para se trabalhar no Estado?</i>	
Remuneração baixa	2
Falta de materiais	5
Descrédito profissional	3
Não conseguir carga completa na mesma escola	1
Outros	--

Tabela 15: Fatores que dificultam o trabalho dos professores de EF em escolas estaduais.

Vemos que boa parte (3 dos 11 entrevistados) dos professores de EF sentem um enorme incômodo com essa situação de descrédito profissional em que se encontram. Esse, finalmente, é um bom sinal, pois aponta para uma possível mudança de atitude desses profissionais. Representa um descontentamento tal, que supera (pelo menos para quatro dos professores entrevistados) as dificuldades com *falta de materiais* e até com a *baixa remuneração*, na lista de dificuldades de trabalho.

A falta de materiais em escolas estaduais não é novidade e, por isso, já esperávamos que fosse bastante assinalada. Mais interessante que isso é o fato

de somente dois professores citarem a baixa remuneração como fator de maior dificuldade para se trabalhar no Estado, uma vez que a classe de professores em geral sempre se queixa desta questão.

Perguntamos em seguida sobre a situação de descrédito do professor de EF. Essa é uma pergunta onde os professores teriam que argumentar sobre as suas respostas. Todos responderam que sim. Citaremos, então, as que acreditamos serem mais relevantes. Vejamos a pergunta e as respostas abaixo (tabela 16).

<i><u>Você acredita que a disciplina/professor de EF encontra-se em situação de descrédito nas E.E.? Por quê?</u></i>
Sim, pela falta de informação sobre qual o papel do profissional e a sua importância.
Sim, porque alguns professores não são profissionais, não trabalham bem.
Sim, porque não há coesão entre todos da área.

Tabela 16: Justificativas de alguns professores de EF para o descrédito do profissional dessa disciplina.

Selecionamos três das respostas que representam, de uma forma geral, todas as justificativas dos professores.

Temos então, alguns professores que acreditam estar na falta de informações e na má formação dos profissionais da área, a justificativa para o referido descrédito.

Outros vêm a falta de profissionalismo e de compromisso com o processo de aprendizagem, a razão para tal situação.

Por fim, existem aqueles que percebem a falta de coesão, de união, de fomentação de discussões na área (para um enriquecimento da categoria), como os motivos dessa desvalorização.

Acreditamos que o conjunto de todas essas alternativas esteja no bojo da questão. Elas, combinadas com as outras questões, por exemplo, as levantadas

sobre os diretores e professores de outras disciplinas e ainda o que pensam os alunos (que veremos a seguir), compõem o alicerce dessa cruel construção sobre o qual estamos (nós professores de EF) apoiados. Para que consigamos mudar esse quadro, precisamos, em primeiro lugar, refazer esse alicerce, ou reconstruindo-o (aproveitando o que há de bom) ou destruindo-o e começando do zero.

As duas questões seguintes referem-se à atualização do profissional de EF (seja com cursos de aperfeiçoamento, seja com leituras de livros). Primeiro indagamos se eles freqüentavam cursos de aperfeiçoamento/atualiação ou se liam livros da área com freqüência (Gráfico 10).



Gráfico 10: Freqüência com que os professores de EF fazem cursos de aperfeiçoamento/atualização.

Cinquenta e cinco por cento dos entrevistados dizem que sempre fazem cursos ou lêem livros da área. “De vez em quando” somam vinte e sete por cento das escolhas.

O que realmente chama a atenção neste gráfico, é o número de professores - dezoito por cento - que assumem (por que outros podem ter a mesma postura, mas não admitem) que raramente freqüentam cursos ou lêem livros. Acreditamos que esse número é muito grande e, por isso, um empecilho nesta busca por valorização da área. Ou seja, como profissionais que não fazem cursos

e não lêem, poderão instruir-se e/ou conhecer novos conceitos acerca da disciplina em questão? Partindo do pressuposto que a base de uma argumentação deve ser formada por conhecimentos, como fazê-la sem que se busque (e adquira) tais conhecimentos?

Entramos, então, numa delicada questão a ser trabalhada pelos próprios professores de EF. Se o que se busca é a valorização, o crédito que entendemos faltar à nossa área, temos que fazer jus às nossas reivindicações e anseios com uma postura mais profissional e comprometida com o processo educativo.

Nas duas questões seguintes, procuramos traçar, em linhas gerais, os motivos pelos quais os professores deixam de realizar cursos de aperfeiçoamento, atualização ou pós-graduação.

Veremos a seguir os gráficos que nos mostrarão os dados recolhidos.

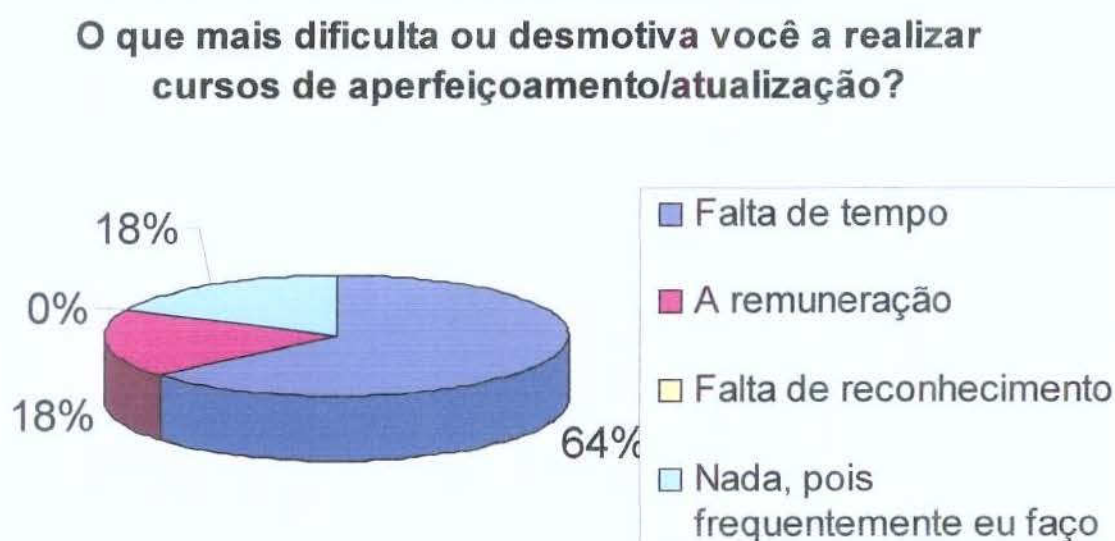


Gráfico 11: Fatores que dificultam a busca por cursos de aperfeiçoamento/atualização dos, segundo os professores de EF do Estado

A seguir (gráfico 12) veremos, dentro da mesma linha de raciocínio, os fatores que desmotivam os professores de EF a buscarem um curso de pós-graduação.

O que mais o desmotiva a realizar um curso de pós-graduação?

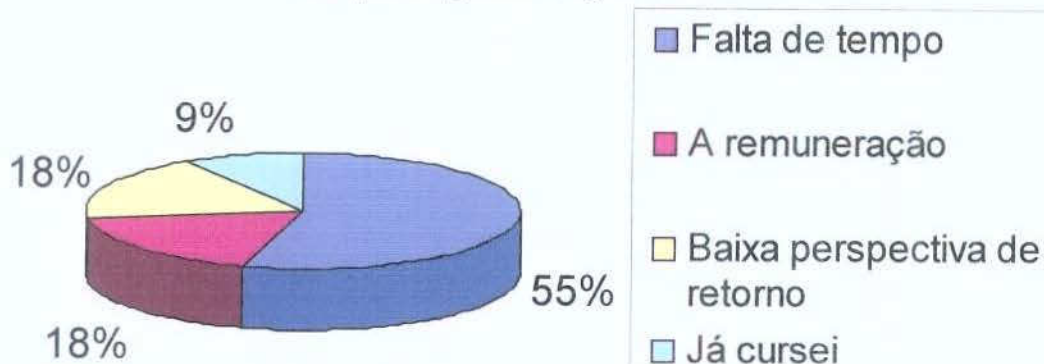


Gráfico 12: Fatores que dificultam a busca por cursos de pós-graduação, segundo os professores de EF do Estado.

As respostas de ambas as questões indicam que o que mais dificulta a realização de cursos por parte dos professores de EF é a falta de tempo. Entendemos que tanto o fato de 36% dos professores entrevistados trabalharem em mais de uma E.E. (segundo gráfico 8), quanto o fato de terem a carga horária de trabalho completa (com 40hs semanais), realmente dificultam a busca de aperfeiçoamento de sua formação. Porém, acreditamos que essa busca por uma melhor formação é imprescindível para alcançarmos o reconhecimento que almejamos. Assim, é preciso que o professor se incomode com essa situação e perceba que é de suma importância um esforço extra por parte dele, para que se reverta esse quadro.

Em ambos os gráficos podemos observar que é nitidamente baixa a porcentagem de professores que assinalaram que freqüentam ou já freqüentaram cursos de pós-graduação e cursos de aperfeiçoamento. Entendemos ser importante esclarecer que os dados desses dois últimos gráficos não contradizem os dados do gráfico 10, pois se observarmos atentamente, a pergunta no gráfico 10 refere-se à freqüência que os professores faziam cursos de

aperfeiçoamento/atualização e, também, *liam livros da área*. Nessas últimas questionamos apenas sobre a frequência em cursos.

Discutindo sobre essa (entre outras) problemática da formação profissional dos professores de EF, Castellani Filho (2002, p. 35) diria:

“como podemos perceber, vários são os desafios que nos espreitam, como também variadas são as suas características. Uns, de natureza predominantemente político-pedagógica, remetem-nos de pronto à questão da socialização do conhecimento produzido em nossa área. Torna-se imperioso fazê-lo chegar tanto aos cursos responsáveis pela formação dos profissionais de Educação Física – aproximadamente 150 cursos superiores – quanto àqueles professores integrantes das redes de ensino, as quais, desatentas (para falar o mínimo), quase nada investem na *formação em serviço* de seus quadros”.

Por fim, gostaríamos de saber o entendimento dos professores de EF sobre qual, em suas visões, o momento em que percebiam que os professores de outras áreas e a direção apresentavam maior interesse por seus trabalhos. Os resultados estão expostos no gráfico 13, logo abaixo.

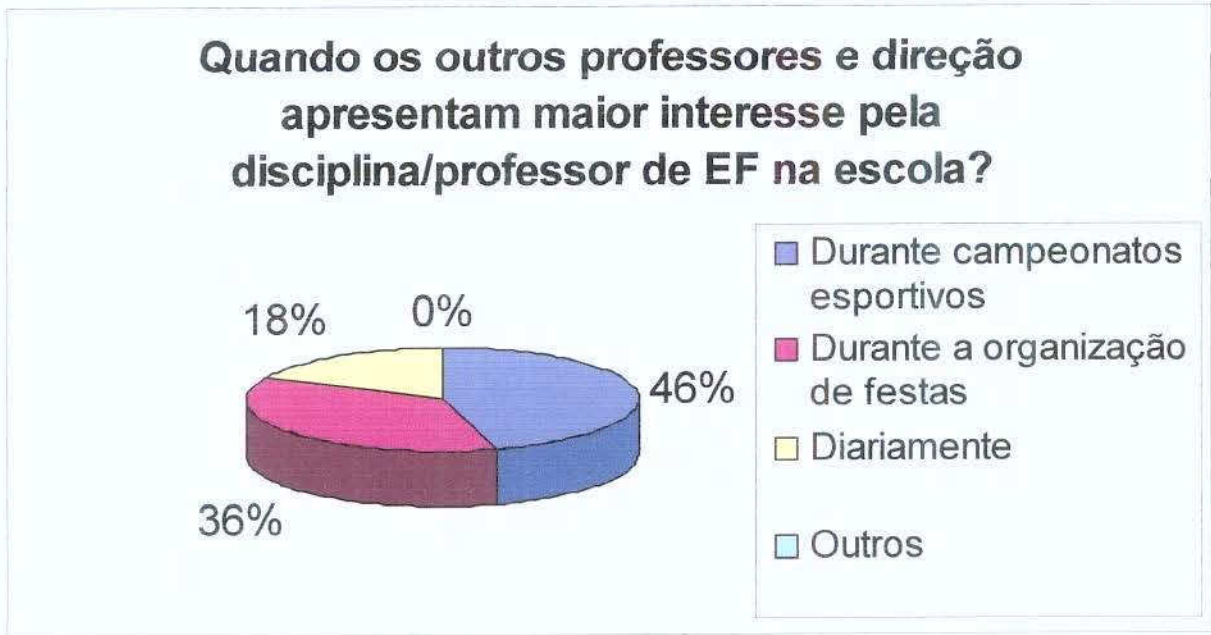


Gráfico 13: Quando professores de outras áreas e direção se interessam pela EF.

Notamos nesses dados uma convergência com a idéia levantada pelos professores de outras disciplinas. Quando perguntados sobre os momentos de maior importância do trabalho dos professores de EF, 48% deles assinalou “durante a realização de campeonatos”. Aqui vemos que 46% dos professores de EF também entendem receberem maior notoriedade durante a realização de campeonatos esportivos.

Vemos ainda que 36% dos professores de EF entendem que durante a organização de festas seu trabalho tem maior relevância junto ao grupo escolar, o que ratifica a discussão aqui já fomentada sobre a imagem (e o papel) do professor de EF dentro da escola.

No que tange a atuação profissional dos professores de EF, segundo a pesquisa, podemos observar que todos os professores (inclusive os de EF) vêm importância no trabalho dele, durante os campeonatos esportivos. Tal constatação nos remete a uma pergunta: será que se o professor de EF realizasse tão bem seu trabalho em outros momentos (envolvendo e desenvolvendo a cultura corporal) como o faz durante os campeonatos, nós poderíamos mudar essa visão deturpada de nossa área?

Acreditamos que sim. Depende, primordialmente, desse profissional atuante na rede pública de Educação a mudança desse quadro. É preciso que ele se instrumentalize, que pesquise, que debata, que se envolva nos projetos pedagógicos das escolas, que deixe transparecer que temos o que, quando e porque ensinar.

Para tanto, precisaríamos que tais professores sentissem essa necessidade de mudança (o que não parece ocorrer), precisaríamos que enfrentassem esse desafio em prol da EF. “Nem tudo o que se enfrenta pode ser modificado. Mas nada pode ser modificado até que se enfrenta”, frase de James Baldwin, (gravado na lápide do túmulo de Mártir Luther King), citada por Castellani Filho (2002, p. 81)

4.4. Pesquisa com alunos do Ensino Fundamental II

A seguir analisaremos as respostas de alunos do E.F.II (da 5ª à 8ª série) sobre alguns temas inerentes à nossa área de conhecimento, a fim de que possamos compreender e intervir na questão.

Elaboramos cinco questões dissertativas para que os alunos pudessem escrever o que conhecem e pensam sobre a disciplina. Evitamos as questões alternativas para não induzi-los às respostas.

Como realizamos a pesquisa com alunos de séries diferentes (amostragem de cem alunos), vamos proceder da seguinte maneira: iremos englobar as respostas mais parecidas de cada série e apresentá-las numa resposta única. Algumas respostas que fugirem desse apanhado geral e que entendermos interessantes, também serão citadas.

A primeira pergunta apresentada aos alunos, indagava: “o que é EF”?

De uma forma geral, a maioria dos alunos, de todas as séries, disseram que EF é esporte ou estudo dos esportes. Algumas raras crianças responderam de forma diferente, como: “é uma matéria que envolve o corpo”; “aula onde fazemos atividades, alongamentos, brincadeiras”; “aula de lazer”; “aula para sairmos da sala, para nos distrair”.

Não obtivemos muita diferença nas respostas dos alunos das diferentes séries e nem de escolas distintas.

Podemos avaliar que as crianças que vêm do Ensino Fundamental I, apresentam uma notável inexperiência no que tange as práticas da EF. Talvez por não terem tido professores especialistas (pois a recolocação do professor de EF para dar aulas de 1ª à 4ª séries ocorreu neste ano – 2003) nessas quatro séries iniciais, o que aprenderam foi o que o professor polivalente lhes ensinou. SERÁ QUE ENCONTRAMOS A FONTE DO NOSSO PROBLEMA? Por não terem a formação necessária para ministrarem aulas de EF, tais professores resumem suas aulas em brincadeiras e esportes. E o que é pior, não pensam ou discutem

ou analisam essa prática. Apenas deixam que os alunos “se divirtam”. Esperamos que, a partir desse ano, esse quadro comece a mudar. Sobre essa discussão, gostaríamos apenas de ressaltar que estamos entre a cruz e a espada, pois sabemos que a EF voltou para as séries iniciais em caráter experimental (por 4 anos) e depende do trabalho (bom ou mal) do profissional de EF para que essas aulas fiquem, definitivamente, em nossas mãos. Podemos dizer que a retomada de nossa notoriedade e a projeção que desejamos para a área estão nas mãos desses profissionais. O outro lado da moeda está exatamente nessa atuação profissional. Se, por um acaso, o trabalho for mal feito nesse período de 4 anos... afundaremos um pouco mais nesse poço de desgostos.

A segunda pergunta versava sobre o que entendiam serem os conteúdos da disciplina EF. Quase que 100% das respostas foram as diferentes modalidades esportivas. Alguns citaram algumas brincadeiras e jogos e um único aluno citou “ginástica”.

Esse é um fato que não poderia ser diferente. Se os alunos viram e vivenciaram a sua vida inteira a prática de esportes (principalmente futsal e vôlei e, em segunda instância, handebol e basquete) nas aulas de EF, irão compreendê-los como os conteúdos da disciplina.

Por ser uma resposta encontrada também em todas as séries, concluímos que apesar de terem uma justificativa para essa postura ao chegarem na 5ª série (pois o professor polivalente não possui conhecimentos sobre a disciplina, etc.), essa visão deveria mudar a partir de então (quando trabalham com professores especialistas). Infelizmente não é o que constatamos.

A terceira questão está intimamente relacionada com a segunda. Apenas para confirmar as respostas dadas pelos alunos na segunda pergunta, investigamos, nesta atual, o que estudaram em EF até o momento.

Novamente temos os esportes como respostas quase que exclusivas. Não nos espantam tais dados, uma vez que acreditamos que as práticas esportivas, assim como as outras práticas sociais, são frutos de uma relação cultural, que a

determina ao passo que é também determinada por elas. Ou seja, as crianças aprenderam quase que exclusivamente esportes nas aulas de EF e é, pois, o que vão querer fazer e reproduzir nessas aulas.

Raras foram as respostas que indicaram um conhecimento, mesmo que básico, de outras atividades como: dança (1 citação) e ginástica (3 citações).

Para fechar um pouco mais o entendimento nesta entrevista, perguntamos aos alunos o que eles mais gostavam de fazer nas aulas de EF. As respostas, mais uma vez, ficaram em torno das práticas esportivas. Como já era de se esperar, o futebol é o esporte mais votado para a aula de EF, seguido pelo vôlei, e por fim, o handebol e o basquete aparecem nas listas de preferências. Algumas respostas absurdas, ao nosso ver, surgiram e queremos aqui compartilhá-las com vocês: “ficar conversando”; “ficar sentada na arquibancada”; “tomar um sol”; “paquerar os alunos da outra oitava série”. Enxergamos tais atitudes como fruto de um descaso total por parte desses alunos e também do professores de EF, pois é obvio que essa prática surgiu da vivência dos alunos e da negligência desse profissional que, perversamente, permitiu que isso acontecesse em suas aulas e se transformasse em uma prática corrente.

Posteriormente, gostaríamos de saber qual a posição dos alunos com relação a essa aula de EF que freqüentam. Perguntamos então, se gostavam de EF e porque. Cerca de 90% dos alunos responderam que sim, que gostam da aula de EF e, desses, 80% relacionaram esse gosto com a prática de esportes. Os outros 20% que responderam que gostam, alegaram motivos diversos (na maioria dos casos alheios à aula de EF), entre eles podemos citar: “porque dá para relaxar”; “porque ficamos fora da sala, é um alívio”; “porque dá para conversar bastante”; “porque é uma matéria que você se diverte”.

Aproximadamente 10% dos alunos entrevistados disseram que não gostam de EF, justamente porque não possuem habilidades específicas dos esportes. Disseram que a aula “é chata” (acreditamos que ela *se torna* chata), que nunca eram “escolhidos para os jogos e que ficavam sempre ‘de

próximo’(sofrem discriminação)”, “que não têm interesse nessa prática” (esportiva).

Outro dado relevante a se levantar é o fato de que nas escolas mais periféricas os alunos apresentam maior resistência quando se propõe atividades que fujam dessa rotina esportiva. Os alunos (principalmente os meninos) demonstram ainda, um interesse específico pelo esporte FUTEBOL e fazem dele o sinônimo mais comum de Educação Física nas escolas.

Pelo exposto acima, vemos o quão alienante e desmotivante têm sido as aulas de EF para os alunos. Alienante porque nossa prática tem sido descontextualizada, despolitizada, temos reforçado essa cultura esportiva nas aulas ao invés de propiciar (além dessa) a aprendizagem de outros conteúdos. Temos trabalhado, assim, monoculturalmente. Disso decorre outro erro, que é a visível desmotivação e desinteresse dos alunos que não gostam de um ou mais esportes. Nessa visão de aula, quem sabe participa e quem não sabe senta (ou faz outra coisa qualquer). A, ainda corriqueira, prática do “rola bola” (onde o professor apenas joga as bolas para os alunos brincarem – de futebol, de vôlei, etc.) coopera para tais ocorrências. Concordamos com Piccolo (1995, p. 19) quando afirma que:

“... as aulas de Educação Física nas escolas estruturam-se na prática esportiva com características de: um esporte competitivo, determinado pela obediência fiel às leis que o regulamenta; um esporte competitivo onde há ausência de cooperação e prevalência de individualismo; um esporte que visa a vitória, permitindo a exploração e até incentivando a idéia de tirar vantagem do mais fraco”.

Por sabermos que nossas aulas são muito queridas pelos alunos (por diversos motivos, mas principalmente pela prática de esportes), acreditamos que deveríamos aproveitar tal fato para executarmos um trabalho mais comprometido com o processo de aprendizagem. Temos a faca e o queijo nas mãos para sermos se não o mais, um dos mais conceituados professores dentro de uma instituição de ensino. Temos uma disciplina essencialmente lúdica, que

trabalha com maior liberdade de movimentos (tão rara dentro das escolas e nas outras disciplinas), que tem uma gama enorme de temas a tratar e desenvolver, que tem a possibilidade de propiciar vivências culturalmente ricas aos alunos e nos prendemos a prática de esportes?! Algo está muito errado!

5. Considerações finais

“Há algum tempo, era comum ouvir-se, no interior dos fóruns de debate dos profissionais de Educação Física, a afirmação – expressa sobre a forma de mais inquestionável verdade – de que a Educação Física deveria ser contextualizada. Ouvia-se mais. Que a sua contextualização, somada à dificuldade de alcançarmos um consenso em torno de seu significado, estava na raiz do seu não reconhecimento pela sociedade que, por causa disso tudo, não lhe atribuía importância”. Castellani Filho (2002, p. 3).

Hoje sabemos que outros fatores influem nessa condição em que nos encontramos. O despreparo do profissional atuante nas escolas, o visível comodismo dos professores de EF, a ignorância dos demais profissionais que atuam na rede de ensino com relação à EF, a formação desses professores, entre outros.

Entramos então, em uma outra discussão, ou seja, como tem sido a formação profissional desses professores nas suas Faculdades? É interessante pensar que tipo de profissionais estão sendo formados nas faculdades de EF.

“Evidentemente, a responsabilidade pela qualificação profissional, originalmente é das instituições de Ensino Superior. Cabe, porém, à rede pública de ensino, buscar estabelecer mecanismos que viabilizem a capacitação/atualização profissional de seu quadro docente, ao mesmo tempo em que alerte àquelas IES, da falácia contida no processo de formação profissional, chamando-as à responsabilidade. Sem o envolvimento conseqüente desses setores, a pergunta ‘como definir mecanismos eficazes de capacitação/atualização profissional de aproximadamente 17.000 professores – no caso da Educação Física- , ficará sem resposta...” Castellani Filho (2002, p. 78)

Analisando o método do presente estudo, acreditamos ser preciso formular outras estratégias para recolhermos os dados, pois tivemos muita dificuldade em conseguir colhê-los (principalmente os de EF), pois se mostravam indispostos a cooperarem com a pesquisa, mesmo sabendo que o fariam em um tempo (durante o HTPC) reservado para discussões e que o coordenador autorizou um determinado tempo para que respondessem. Outro fato é que, apesar de explicarmos de que se tratava de uma pesquisa de conclusão de curso, que não seriam prejudicados pelas respostas assinaladas (abrimos mão da identificação deles), que não conversassem uns com os outros, que colocassem realmente o que pensavam e conheciam, não tivemos como garantir tais precauções. Os professores conversavam, às vezes perguntavam (disfarçadamente) para os outros sobre determinadas questões, perguntavam para nós qual era a resposta correta, etc.

Os professores de EF mostraram-se desconfiados e, em alguns casos, inseguros ao receberem o questionário. Foram os que mais demoraram para entregá-los (uma vez que não os encontrei nos HTPCs e tive que procurá-los durante suas aulas, deixando para que entregassem posteriormente as respostas).

Observamos ainda que não houveram mudanças significativas das respostas dos entrevistados nesse estudo, relativas às diferentes regiões em que trabalhavam (escolas nas cinco regiões da cidade). Talvez isso se deva ao fato de que muitos trabalham ou trabalharam em mais de uma escola (e também região) da cidade.

Com relação aos dados obtidos, pudemos observar que realmente existe essa desvalorização da disciplina e do professor de EF nas escolas públicas estaduais e que diversos são os motivos, dentre eles elencamos:

- *O desconhecimento dos outros profissionais acerca da disciplina e o conseqüente descrédito;*
- *O comodismo do professor de EF, que nada ou quase nada faz para reverter esse quadro;*

- *A relação estabelecida pelas partes entrevistadas entre os esportes e a EF, muitos os confundem;*
- *Falta de incentivo do governo em promover cursos de qualidade aos professores;*
- *A cultura que se criou a respeito da EF como aula de esportes ou de “fazer o que quiser”;*
- *A falta de participação do professor de EF nos projetos pedagógicos da unidade escolar;*
- *A defasagem de formação dos profissionais, a falta de frequência de cursos de aperfeiçoamento/atualização*
- *A falta de uma consciência crítica sobre a situação da disciplina e do profissional de EF e ações que intevenham em nosso favor;*

Apesar desse quadro negativo, “não podemos perder de vista que tal quadro se configura com a aprovação da maioria dos professores da área, que por conta do seu processo formativo, afina-se com uma concepção de Educação Física escolar que tem no esporte quase que seu exclusivo conteúdo, ainda por cima voltado ao atendimento dos valores afetos à instituição esportiva, ou seja, performance esportiva, rendimento físico-esportivo” Castellani Filho (2002, p. 79 e 80).

O problema da Educação é de âmbito geral, institucional. Não podemos pensar que somente a EF enfrenta problemas enquanto área de conhecimento nas escolas estaduais. É preciso que se compreenda que sofremos por falta de identidade e reconhecimento, porém as outras disciplinas têm seus próprios problemas. Não é raro encontrar, por exemplo, alunos de 7ª ou 8ª séries que são semi-analfabetos, que não sabem ler e escrever corretamente, ou não conseguem resolver situações problema simples de matemática, ou que não reconhecem países e continentes em mapas mundi. Desta forma percebemos que as escolas públicas estão formando jovens alienados, com poucos conhecimentos, despreocupados com o futuro deles próprios, despolitizados, sem criatividade e

críticidade, que não desenvolvem o raciocínio lógico e com pouca expectativa de crescimento pessoal. Infelizmente, a nossa área de conhecimento tem contribuído para a perpetuação desse triste quadro. As aulas de EF têm sido desmotivantes, sem o desenvolvimento de criatividade dos alunos, servindo como válvula de escape para as tensões produzidas pelas outras disciplinas (que na visão de muitos, são as que interessa). Não se planeja as aulas, os objetivos restringem-se a transmitir técnicas esportivas, não se consegue seduzir os alunos a novas práticas corporais, não se consegue que entendam a cultura corporal a qual estão submetidos em nossa sociedade, não se trabalha para terem autonomia nas aulas e na vida fora da escola, as aulas (não só as de EF) são fechadas, com poucos espaços para idéias, sugestões, mudanças. Precisamos rever alguns conceitos sobre a educação que se tem atualmente e a que se almeja. Se quisermos reproduzir os valores que nossa sociedade nos impõe (como individualismo, egoísmo, falta de ética, de cooperação, de respeito, de solidariedade, de criatividade, de autonomia, de criticidade, etc.) estamos no caminho certo. Porém,

“acreditamos que o professor de Educação Física atento ao alcance cultural de sua prática tem mais condições de realizar um trabalho competente, pois encontra-se conectado a realidade sociocultural em que vive. Resta alertar que a função do professor não é apenas considerar os ditames culturais e, a partir daí, orientar sua prática. A prática educacional, o próprio professor e seus alunos são influenciados pela cultura. Mas a cultura é criada, recriada e transformada pelas pessoas nela inseridas. Podemos, portanto, vislumbrar uma prática de Educação Física Escolar que leve à transformação da realidade, permitindo ao homem uma evolução em todos os aspectos. Porque o homem, mais do que fruto, é agente da cultura”. Daolio (in Piccolo, 1995, p. 55).

Enfim,

“não podemos ter vergonha de continuar acreditando na imperiosa necessidade de teorizarmos nossa prática, de a refletir-mos exaustivamente em nosso cotidiano, em buscarmos reconstruir nossa confiança e esperança de que somos capazes de intervir nesta realidade em que nos

inserimos, de maneira a construirmos, dia a dia, os pilares de uma Educação Física comprometida com o quadro da cultura corporal qualitativamente novo, constitutivo da cultura do homem e da mulher brasileiros e comprometido com a estruturação de uma sociedade socialista”. CASTELLANI FILHO (2002, p. 81).

Temos que caminhar, sempre nesta direção. Incessantemente.

Muitas são as discussões possíveis a respeito de temas que aqui não foram ressaltadas, ou então outras discussões acerca dos temas abordados, ou até mesmo o aprofundamento deles, porém acreditamos que isso possa ser feito em um outro momento, quem sabe numa Tese de Mestrado?

6. Referência Bibliográfica

- BETTI, M. **Cultura Corporal e Cultura Esportiva**, Revista Paulista de Educação Física, 7(2), 44 – 51, 1993.
- BRANDÃO, C.R. **O Que é Educação**, SP, Brasiliense, 1981.
- CAPARROZ, Francisco E. **Entre a Educação Física da Escola e a Educação Física na Escola**, UFES, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 1997
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Política Educacional e Educação Física**, Campinas, SP, Autores associados, 2002 – (coleção polêmicas do nosso tempo)
- _____. **Pelos Meandros da Educação Física**, 1994.
- _____. **Educação Física no Brasil: a História que não se conta**, 4ª edição, Campinas, SP, Papirus, 1994.
- CHAUÍ, Marilena, **Convite à Filosofia**. SP, Ática, 1994.
- COLETIVO DE AUTORES **Metodologia do Ensino de Educação Física**, São Paulo, Cortez, 1992
- DAOLIO, Jocimar, **Da Cultura do Corpo**, Campinas, SP, Papirus, 1995.
- DE SOUZA VARGAS, Ângelo L. **A Educação Física e o Corpo, a busca da identidade**, Sprint, Rio de Janeiro, 1990
- FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro**, Scipione, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física Progressista: a Pedagogia Crítico-Social dos conteúdos e a Educação Física**, SP, Loyola, 1988.
- KUNZ, Elenor. "Transformação didático-pedagógica do esporte". Ijuí, Unijuí, 1991.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo e...’mente’**: bases para a renovação e transformação da educação física, Campinas, Papirus, 1983

PAES, R. R. **Educação Física Escolar: o Esporte como conteúdo pedagógico do Ensino Fundamental**, Campinas, SP, Tese de Doutorado, Unicamp, 1996.

PICCOLO, Vilma L. N. **Educação Física Escolar: ser...ou não ter?**, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**, Campinas, SP, Autores Associados, 1997.

ANEXO I

Questões Para Diretores Administradores

- 1) Em qual Faculdade você se formou? Em que curso você é formado (a)? Há quanto tempo?
- 2) Há quanto tempo você ministra aulas e/ou dirige Escolas do Estado?
Docência.
Direção
- 3) O que é Educação Física (E.F.) para você?
a) Esporte b) disciplina/matéria c) Lazer/recreação
d) outros _____
- 4) Na sua visão quais os conteúdos da E.F.?
a) esporte b) jogos c) dança d) recreação e) lutas
f) ginástica g) campeonato h) brincadeiras i) lazer
j) higiene pessoal l) organização de festas m) outros _____
- 5) Como você vê a EF em sua escola?
a) passa tempo para os alunos b) momento de relaxar para os alunos
c) importante para o desenvolvimento global dos alunos d) importante no projeto pedagógico da escola
- 6) Existe participação da EF no projeto pedagógico de sua escola?
a() sim b() não c() desconheço
- 7) Como é a participação da EF no projeto pedagógico de sua escola, como você entende tal participação?
a) muito importante b) sem importância c) importante d) inexpressiva
e) outros _____
- 8) Como é o acompanhamento da direção nesta questão?
a) efetivo b) pouco c) nenhum
- 9) Na sua visão, qual é o nível de pré-disposição dos professores de EF em participarem/cooperarem neste projeto pedagógico?
a) sempre dispostos b) raramente c) às vezes d) nunca
- 10) Os professores de EF de sua escola participam de cursos de reciclagem/aperfeiçoamento...
a) muitas vezes b) poucas vezes c) raramente d) nunca
- 11) Na sua opinião, quais são os principais objetivos da EF?
a) proporcionar momentos lúdicos para os alunos b) disciplinar os alunos
c) melhorar a saúde dos alunos d) auxiliar o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos
e) trabalhar educação f) trabalhar afetividade g) ensinar esportes h) outros _____
- 12) Quando você percebe maior importância do trabalho do professor de EF na escola
a) durante os campeonatos esportivos b) durante a organização de festas c) diariamente
d) outros _____

Questões para professores de outras áreas

- 1) Em qual Faculdade você se formou? Em que curso você é formado (a)? Há quanto tempo?
- 2) Há quanto tempo você ministra aulas em escolas estaduais?
- 3) O que é Educação Física (E.F.) para você?
- a() Esporte b() disciplina/matéria c() Lazer d() ginástica
e() dança f() recreação g() outros _____
- 4) O que você acredita que seja conteúdo da E.F.?
- a() esporte b() jogos c() dança d() recreação e() lutas
f() ginástica g() campeonato h() brincadeiras i() festas (animação)
j() outros l() lazer m() outros _____
- 5) Quanto tempo você acha que leva para alguém se formar no curso de EF?
- a() 3 anos b() 4 anos c() 5 anos d() não faço idéia
- 6) O que você acha que se estuda numa faculdade de EF?
- a() esporte/jogos b() ginástica c() lutas/dança d() anatomia/fisiologia
e() bioquímica/biomecânica f() outros _____
- 7) Como você vê a EF em sua escola?
- a() passa tempo para os alunos b() momento de relaxar para os alunos
c() importante para o desenvolvimento global dos alunos d() importante no projeto pedagógico da escola
- 8) Existe participação da EF no projeto pedagógico de sua escola?
- a() sim b() não c() desconheço
- 9) Qual é a participação da EF no projeto pedagógico de sua escola, em sua opinião?
- a() muito importante b() sem importância c() importante d() inexpressiva
e() outros _____
- 10) Na sua opinião, qual é o principal objetivo da EF?
- a() proporcionar momentos lúdicos para os alunos b() disciplinar os alunos
c() melhorar a saúde dos alunos d() auxiliar o desenvolvimento motor e cognitivo dos alunos
e() trabalhar educação f() trabalhar afetividade g() ensinar esportes h() outros _____
- 11) Quando você percebe maior importância do trabalho do professor de EF na escola?
- a() durante os campeonatos esportivos b() durante a organização de festas
c() diariamente d() outros _____

Questões para professores de Educação Física

- 1) Em qual Faculdade você se formou? Há quanto tempo?
- 2) Há quanto tempo você ministra aulas em escolas estaduais?
- 3) Você trabalha em outro lugar além desta E.E.? Quantos? Onde?
- 4) O que é Educação Física Escolar para você?
a() Esporte b() disciplina/matéria c() Lazer d () ginástica
e() dança f() recreação g() outros _____
- 5) O que você acredita que seja conteúdo da E.F.?
a() esporte b() jogos c() dança d() recreação e() lutas
f() ginástica g() campeonato h() brincadeiras i() lazer
j() outros _____
- 6) O que você mais trabalha em suas aulas de Educação Física?
a() esporte b() jogos c() dança d() recreação e() lutas
f() ginástica g() campeonato h() brincadeiras i() lazer
j() outros _____
- 7) Como você entende a participação da EF no projeto pedagógico de sua escola?
a() muito importante b() sem importância c() importante d() inexpressiva
e() outros () inexistente _____
- 8) O que você acredita ser o fator de maior dificuldade para se trabalhar no Estado?
a() Remuneração baixa b() falta de materiais c() descrédito profissional
d() não conseguir carga completa na mesma escola e() Outros _____
- 9) Você acredita que a disciplina/professor de Educação Física encontra-se em situação de descrédito nas E.E.? Porquê?
a() sim, porque _____
b() não _____
- 10) Você frequenta cursos ou lê livros da área com frequência?
a() sempre b() raramente c() nunca d() de vez em quando
- 11) O que mais dificulta ou desmotiva você a realizar cursos de aperfeiçoamento/atualização?
a() falta de tempo b() a remuneração c() falta de reconhecimento d()nada, pois
freqüentemente eu faço
- 12) O que mais te desmotiva a realizar um curso de pós-graduação?
a()a remuneração b()falta de tempo c()baixa perspectiva de retorno d()já cursei
- 13) Quando você percebe que o grupo de prof. e direção apresentam maior interesse pela disciplina/professor de EF na escola?
a() durante os campeonatos esportivos b() durante a organização de festas c() diariamente
d() outros _____